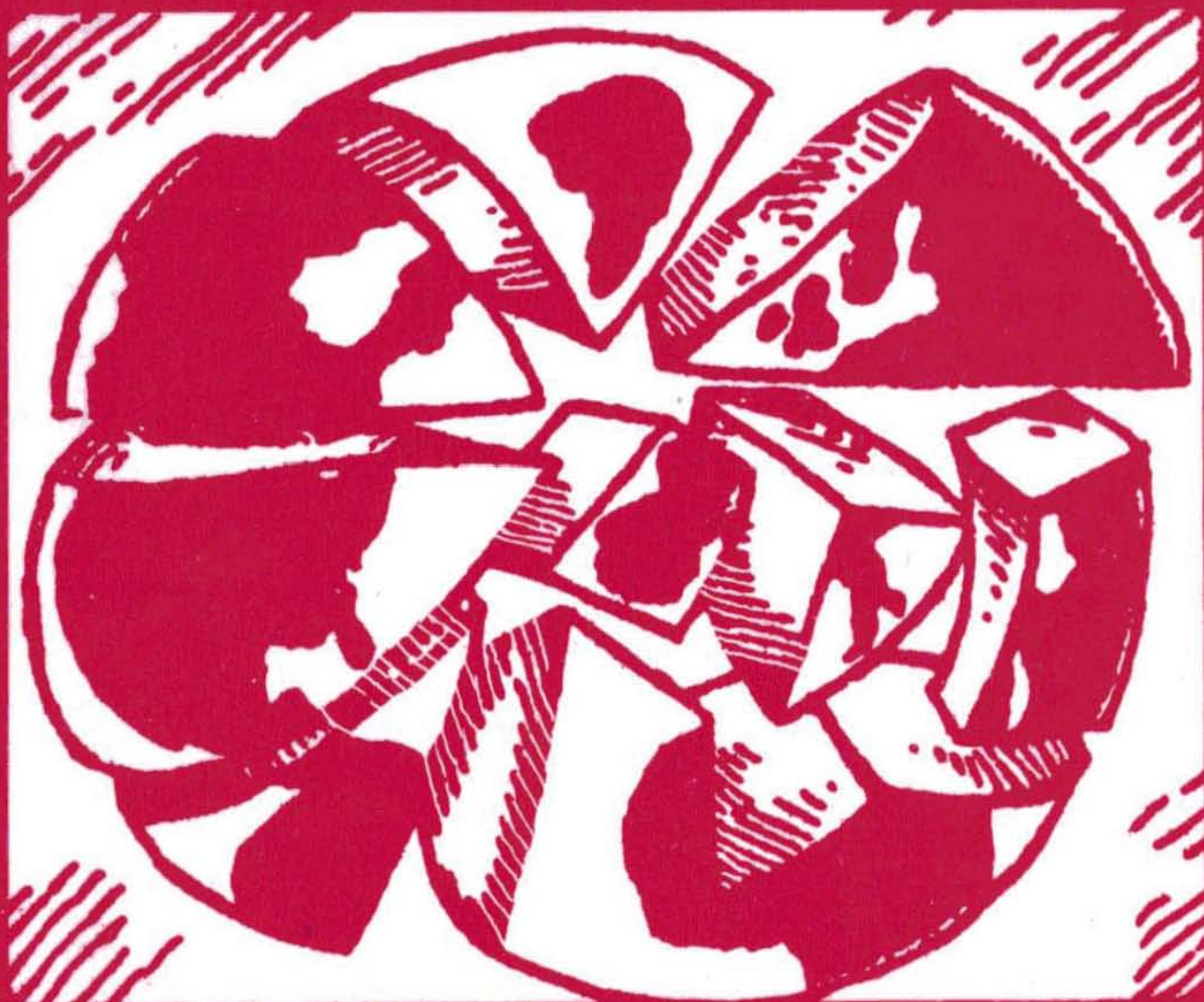


convergência

DEZ — 1983 — ANO XVIII — Nº 168



- **A VIDA RELIGIOSA NA IGREJA E NO MUNDO HOJE**
Cardeal Eduardo Pironio — página 591
- **CAROS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DO BRASIL**
Dom Carlo Furno — página 602
- **PANORAMA ATUAL DA IGREJA NO BRASIL**
Dom José Lecherbauer — página 608

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Equipe de Programação:

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brúnnelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1983:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1983 Cr\$ 4.900,00

Exterior: marítima US\$ 21,00

..... aérea US\$ 29,00

Número avulso Cr\$ 490,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivre S/C Ltda., Rua Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa

Em arte visual, o olho é a parte mais importante do corpo humano, pois saber olhar sempre foi o primeiro ato produtivo para sua inteligibilidade. Nossa capa quer visualizar uma idéia de força e força apocalíptica. Um quadro, sinistramente didático, que se observa com apreensão e realismo. O antônimo de convergência. A ruptura das forças que possibilitam a coesão e a vida. A terra se esfacela e vai se desfigurando em veloz movimento espacial. Suas partes desintegram-se, sem rumo. É apenas um símbolo. Uma figuração mental. Pode, também, ser uma realidade no macrocosmo sem vida ou nos

microorganismos de vida primária. Tanto na pessoa como na sociedade. Na Igreja e nas Congregações. A **UNIÃO** e a **re-união**, o reverso da representação de nossa capa, é o lugar teológico para a teofania de Deus. "Onde dois ou três estiverem REUNIDOS em meu nome, Eu estou no meio deles", Mt 18, 20. **CONVERGÊNCIA** quer continuar sendo, em 1983, o que sempre foi, um insistente convite mensal, a Você, Religioso e Religiosa, para se transformar diuturnamente em instrumento de RECOMPOSIÇÃO. Da **UNIÃO** promana a força e a única solução fundamental. Vivemos um universo de antíteses e oposições pouco dialéticas. Urge criar espaços intermediários de harmonia, removendo barreiras, distorções, impasses, com a intuição do instante e a consciência global do tempo. Só assim, até onde a vista alcança, o edifício da VIDA RELIGIOSA ganhará a necessária aderência e as fundações que lhe garantem o papel e a função na construção do REINO, de sua PAZ e UNIDADE.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	577
INFORME DA CRB: XIII AGO	580
SAUDAÇÃO DE ABERTURA À XIII AGO DA CRB	
Pe. Décio Batista Teixeira, SDB	584
A VR NA IGREJA E NO MUNDO HOJE, Card. Eduardo Pironio	591
CAROS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DO BRASIL	
Dom Carlo Furno	602
PANORAMA ATUAL DA IGREJA NO BRASIL, D. Ivo Lorscheiter	607
VISÃO DA VR NA AMÉRICA LATINA, Pe. Mateo Perdia, CP	619
TEMÁTICA GERAL DA XIII AGO Ir. M. Carmelita de Freitas, FI	624
PRIORIDADES DA CRB	630
POSSE DOS ELEITOS. ENCERRAMENTO DA XIII AGO	
Ir. Claudino Falquetto, FMS	633

EDITORIAL

A Vida Religiosa na América Latina vive um momento de intenso dinamismo. Impulsionada pelo processo de renovação desencadeado a partir do Vaticano II, ultrapassou os limites da "adaptação" ou da simples "atualização" e, dócil ao Espírito Santo que lhe dá vida, enfrenta hoje os riscos de um caminho em boa parte ainda pouco explorado ou mesmo desconhecido. Trata-se de um dinamismo inovador que atinge a Vida Religiosa em profundidade e envolve um número crescente de religiosos e Institutos, dando à Vida Consagrada uma configuração nova, cuja principal característica é, sem dúvida, a decidida opção evangélica em favor dos empobrecidos. Sem perder sua identidade, sem se desligar da grande tradição, a Vida Religiosa está sendo recriada a partir de uma profunda experiência de Deus, feita em contato com os desafios da realidade concreta. Todas as suas dimensões estão sendo relidas, reinterpretadas e ganham um novo significado.

Uma realidade assim dinâmica necessita de tempos fortes e especiais para fortalecer na comunhão os que trilham o mesmo caminho, para rever atentamente os passos dados e descobrir

a forma concreta de ser fiel nas diversas situações. A **XIII Assembleia Geral Ordinária da CRB**, realizada em julho p.p., foi um desses momentos especiais para a Vida Religiosa do Brasil.

Momento privilegiado do **comunhão** eclesial e fraterna. Comunhão na fé e no carisma que irmana todos os religiosos; comunhão no serviço à Igreja e ao povo desta terra, a quem os religiosos são enviados em nome do Senhor e no seguimento de Jesus Cristo.

Momento também de **confronto e avaliação**. Foram colocados em comum e diante do Evangelho as realizações desses últimos anos, as lutas e incertezas da caminhada, as tendências da Vida Religiosa e os grandes desafios.

Momento ainda de **reflexão e busca de caminhos** sempre mais coerentes com os apelos de Deus nesse momento histórico.

A XIII AGO continua viva e deverá produzir ainda muitos frutos. É com esta certeza que CONVERGÊNCIA oferece a seus leitores, neste número de dezembro e no próximo de janeiro/fevereiro, as palestras proferidas e os temas estudados na Assembleia.

Na Saudação de Abertura, **Pe. Décio Batista Teixeira, SDB**, Presidente Nacional da CRB, apresenta o panorama geral da XIII AGO e ressalta o particular significado desta Assembléia, realizada no Ano Santo da Redenção e da Reconciliação.

Em palestra dirigida a todos os religiosos, Sua Emcia. o **Cardeal Eduardo Pironio**, Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, menciona os aspectos mais importantes da Vida Consagrada, inserida na Igreja e no mundo de hoje, e algumas linhas para uma verdadeira e séria renovação.

O pronunciamento de Sua Excia. **Dom Carlo Furno**, Núncio Apostólico no Brasil, destaca alguns grandes referenciais para a Vida Religiosa, extraídos dos mais recentes documentos da Santa Sé e dos pronunciamentos do Papa João Paulo II.

Em palestra de vivo interesse, **Dom Ivo Lorscheiter**, Presidente da CNBB, apresenta-nos o panorama atual da Igreja no Brasil, unindo os passos que já estão sendo dados à meta a ser atingida. São palavras de esperança e, ao mesmo tempo, sério apelo ao compromisso.

Pe. Mateo Perdia, CP, Presidente da CLAR, dá-nos uma visão geral da Vida Religiosa na América Latina, dentro da nova consciência que os religiosos foram adquirindo nos últimos anos.

Irmã Maria Carmelita de Freitas, FI, expõe a temática geral da XIII AGO, procurando situá-la no contexto amplo da atual reflexão teológica sobre a Vida Religiosa.

As **Prioridades da XIII AGO** refletem o próprio compromisso dos participantes e representam as grandes balizas que deverão nortear as programações da CRB neste triênio.

Encerrando a Assembléia, o Presidente eleito, **Irmão Claudino Falquetto**, convida a todos a uma generosa e encarnada resposta aos apelos dirigidos pelo Senhor.

Essas palestras e resultados da XIII AGO chegam aos leitores de **CONVERGÊNCIA** às vésperas do **NATAL**. Transformam-se, assim, em mensagem de esperança. A encarnação que o Senhor nos pede hoje, na difícil realidade que nos cerca e entre o povo sofrido do Brasil — e que foi vivamente sentida na Assembléia —, não é um sonho impossível. Pode ser realidade porque Ele, o Filho de Deus, já se fez um de nós e nos mostrou o caminho; Ele, o Filho de Maria, vai à nossa frente e torna possíveis nossos passos.

Que você, leitor amigo, e toda a sua comunidade, tenham um **FELIZ NATAL!**

Irmã Delir Brunelli, PIDF

NOVA DIRETORIA DA CRB NACIONAL ELEITA NA XIII AGO

Presidente:	Irmão CLAUDINO FALQUETTO, Marista, Belo Horizonte
1.º Vice Presidente:	Pe. JOÃO EDÊNIO REIS VALLE, Verbo Divino, São Paulo
2.º Vice Presidente:	Irmão SILVINO JOSÉ FRITZEN, Lassalista, São Paulo
3.º Vice Presidente:	Irmã CÉLIA CERVEIRA, Dorotéia, São Paulo
Secretário Geral:	Pe. IVO PEDRO WEBER, Jesuíta, Porto Alegre
1.º Tesoureiro:	Irmão ARLINDO CORRENT, Marista, Porto Alegre
2.º Tesoureiro:	Irmã DOMENICA LANHI, Servas de Maria Reparadoras, Rio
Conselheiro:	Pe. JOSÉ ULYSSES DA SILVA, Redentorista, São Paulo
Conselheiro:	Irmã PATRÍCIA HELEN NEIHOUSE, Irmãs de São José de Concórdia, Teresina
Conselheiro:	Irmã MAGDA FONSECA, Salvatoriana, Campinas
Conselheiro:	Dom PAULO ROCHA, Beneditino, Salvador

CONSELHO SUPERIOR

Irmã MARIA DE LURDES GASCHO, Catequistas Franciscanas, Blumenau
Pe. JOÃO AUGUSTO ANCHIETA AMAZONAS MAC DOWELL, Jesuíta, Rio de Janeiro
Pe. RAIMUNDO BENEVIDES GURGEL, Salesiano, Recife
Irmã NAIR DOS REIS, Missionária de Jesus Crucificado, Goiânia
Irmã MARIA JOANA DOMITILA, Irmãs de Jesus na SSma. Eucaristia, Belo Horizonte
Pe. OLÍVIO JOSÉ BEDIN, Missionário N. S. ^a da Salette, São Paulo
Frei JAIME BIAZUS, Capuchinho

Esta Diretoria e este Conselho Superior foram eleitos na XIII Assembléia Geral Ordinária (AGO), no dia 28 de julho de 1983 e têm mandato até julho de 1986.

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

NOTAS — MOÇÕES — MENSAGENS

AOS IRMÃOS E IRMÃS RELIGIOSOS DO BRASIL

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1983.

Nós Superiores Religiosos e Delegados, reunidos na XIII Assembléia Geral Ordinária, refletindo ao longo de uma semana sobre nossa responsabilidade de religiosos para com os pobres, — mediação necessária de nossa obediência à vontade do Pai, na atual situação histórica — não podemos nos omitir ante os fatos que se dão hoje na Nicarágua e na América Central.

O povo daquele país-irmão busca assumir com coragem o seu próprio destino, frente a uma lógica política e econômica profundamente antievangélica e ao jogo dos interesses que a preside. Vê-se, contudo, ameaçado a cada instante pela ingerência de forças externas.

Reconhecemos a complexidade dos fatos. Não podemos, porém, deixar de denunciar este jogo de dominação e o pecado social de que a América Central é vítima, e de defender o direito que o povo tem de estabelecer o seu próprio destino como nação soberana.

É preciso que nós, religiosos do Brasil, saibamos concretizar a nossa preocupação e solidariedade através de gestos concretos de oração, de jejum e

de ação em favor do povo da Nicarágua, bem como através do acompanhamento crítico do que lá sucede.

Convidamos insistentemente as congregações que têm casa na Nicarágua e na América Central a fazerem chegar às suas comunidades daqueles países o apoio dos religiosos do Brasil, nesta hora difícil e decisiva para a história da América Central.

Membros da XIII Assembléia Geral da CRB.

MOÇÃO À EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA DA CRB NACIONAL

Nós, Superiores e Delegados de Ordens e Congregações Religiosas do Brasil reunidos na XIII AGO da CRB, sentimos como dever de justiça e de fraterna gratidão, externar de público nosso agradecimento à Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional, pelo excelente serviço que nos vem prestando ao longo dos últimos 11 anos.

Agradecemos a seriedade, densidade e atualidade de seu trabalho teológico que já se tornou um marco de referência para os religiosos de nossa pátria e de tantos outros países. Edifica-nos e é para nós incentivo muito grande o seu testemunho pessoal de amor à V.R., sua fidelidade ao Evan-

gelho, sua adesão filial à Igreja e ao magistério e, em especial, a maneira perseverante com que nos ajudam a compreender a necessidade evangélica de nos convertermos eficazmente aos pobres para podermos seguir a Jesus Cristo.

Temos plena consciência dos riscos e desafios de uma reflexão inserida e comprometida como a que esses nossos irmãos e irmãs vêm desenvolvendo a partir daquilo que anima ou aflige as bases da Igreja. Sabemos que, por vezes, o caráter profético de sua palavra tem suscitado incompreensão. Preocupamos-nos vê-la ser objeto de suspeita e cerceamento. É por esta razão que, como representantes de 50 mil religiosos e religiosas, espalhados pelo país inteiro, queremos hipotecar à Equipe Nacional de Reflexão Teológica da CRB Nacional nosso total apoio e testemunhar diante de toda a Igreja o bem que sua reflexão faz às nossas comunidades em sua busca de maior autenticidade na vivência do carisma que o Senhor nos confiou na Igreja para o serviço de libertação de nosso povo.

AOS PADRES ARISTIDES E FRANCISCO

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1983.

Estamos aqui no Rio de Janeiro, participando da XIII Assembléia da CRB. Somos mais de 500 religiosos e religiosas de todo o Brasil, responsáveis pelas diversas Congregações Religiosas que assumem sua parte na ação pastoral da Igreja no Brasil. Vocês são para nós Símbolo Vivo da Igreja que fez opção pelos pobres, símbolo que nos interpela e questiona.

Queremos lhes reafirmar que sua prisão juntamente com a dos posseiros

continua sendo uma tentativa dos poderosos de impedir a ação profética da Igreja no Brasil ao lado, e em favor dos empobrecidos e injustiçados. Vocês continuam presos, mas continua mais gritante ainda a injustiça sofrida pelo povo. Sabemos que todo engajamento na luta pela justiça, traz necessariamente a incompreensão, a perseguição, a prisão e até a morte. "Como me perseguiram, a vós também hão de perseguir".

Reconhecemos que nem sempre, tivemos a mesma coragem, e ousadia de tomar uma posição clara e firme, nessa encarnação na realidade dos oprimidos e marginalizados. No entanto, podemos afirmar que estamos nessa caminhada dispostos nós também a correr o risco deste compromisso. Nessa Assembléia dentro da temática geral, aprofundamos o sentido autêntico da obediência como escuta do clamor do pobre, importante mediação da fidelidade à vontade de Deus.

Aristides e Francisco, vocês estão muito preocupados com a situação dos posseiros presos em Belém. Compartilhando dessa sua preocupação mandamos para eles também uma carta e recolhemos, numa caixa de solidariedade, uma ajuda financeira para suas famílias tão necessitadas.

Durante esse encontro, a oração foi para nós um meio muito apropriado para expressar nossa comunhão com vocês. Agora, aguardamos, junto com vocês, o próximo julgamento em recurso. Tenham certeza da nossa profunda e fraternal solidariedade.

Continuemos unidos na única esperança que nos anima, e dá a certeza da vitória final: "Vi um novo céu e uma

nova terra ... e Deus mesmo estará com eles" (Apoc 21,1-3).

Um forte abraço dos seus Irmãos e Irmãs em Cristo-Libertador.

Pela Assembléia:

IRMÃO ROQUE ARY SALET, FMS,
Presidente da XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB.

AOS POSSEIROS DE S. GERALDO DO ARAGUAIA

Esta mensagem foi aprovada na sessão plenária do dia 25 de julho de 1983, durante a XIII AGO da CRB.

Queridos irmãos, posseiros de São Geraldo do Araguaia presos em Belém: Raimundo Assunção, Venâncio, Antonio Resplandes, Raimundo Resplandes, Leônidas, José Pereira, Raimundo Coelho, João Matias, Simplício, José Ribamar, José da Silva, Milton e José de Araújo.

Hoje é o dia do lavrador em todo o nosso país. É o dia de vocês. Somos quinhentos padres, freiras e irmãos reunidos em Assembléia no Rio de Janeiro representando os cinquenta mil religiosos que trabalham nesse país imenso. Estamos pensando em vocês, há tanto tempo presos.

Sabemos que vocês sofrem muito por estar longe de suas famílias e de suas terras e que sofrem uma injustiça muito grande, porque, o que vocês queriam era apenas um pedaço de terra dada aos homens por Deus a fim de criar suas famílias em paz. É triste saber que os grandes e poderosos, os que já têm tanto, querem ainda tomar o restinho dos pobres. Temos certeza que o Padre Aristides e o Padre Francisco, fiéis

à Palavra de Deus, ao lado de vocês, estavam cumprindo o Evangelho de Jesus, que nos ensina a ficar sempre do lado dos pobres e lutar contra as injustiças dos ricos desse mundo. Procurem ver isso na Bíblia: Isaías 5,8; Lucas 4,16; Tiago 2,5-6; Lucas 10,21-24.

Acreditamos que vocês são vítimas de um processo mentiroso e que a condenação foi um jogo dos poderosos, que só querem ajuntar tudo só para si. Por isso acreditamos que vocês e os padres são injustiçados, igualmente com milhares de outros irmãos no Brasil que não têm emprego, nem salários, nem chão, nem casa, nem pão, nem saúde, e nem vida.

É dever de todos nós denunciar todas as injustiças, rezar e lutar para que o Reino de Deus que é também justiça e fraternidade aconteça no meio de nós. Sejam firmes, corajosos e unidos, porque Jesus Cristo é o Único Libertador. Estamos rezando muito e com a maior esperança que no próximo julgamento se dará a libertação de vocês todos. Jesus disse: "CORAGEM, POIS EU VENCI O MUNDO", João, 16,33.

Seus irmãos, unidos na luta e na esperança.

Pela Assembléia:

IRMÃO ROQUE ARY SALET, FMS,
Presidente da XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB.

NOTA SOBRE O MOMENTO BRASILEIRO

A Conferência dos Religiosos do Brasil, reunida em sua XIII Assembléia Geral Ordinária, no Rio de Janeiro, votou, em plenário, seu apoio incondicional a mensagem apresentada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil,

em 23 de julho de 1983, sobre o "Momento Brasileiro".

Mais de 400 Superiores e Superiores Maiores, representantes de cerca de 50.000 religiosos e religiosas, existentes atualmente no Brasil, em união com a CNBB, também se preocupam com as crises sócio-econômicas do Brasil, expressam publicamente sua solidariedade com o povo brasileiro — que sofre agudamente as conseqüências dessas crises — insistem na urgente e grave necessidade, neste momento da vida brasileira, ao restabelecimento do "senso ético que nos dá o sentido de dignidade do respeito próprio e da confiança".

A CRB reafirma a oportunidade do apelo feito pela CNBB, à sua austeridade de vida, poupança nos gastos públicos e reconquista da confiança de nosso povo.

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1983.

AS CONFERÊNCIAS DE RELIGIOSOS E DE RELIGIOSAS DOS ESTADOS UNIDOS

Prezados(as) Irmãos(ãs) em Cristo.

Nós, Superiores da Conferência dos Religiosos do Brasil, representando

50.000 Religiosos, reunidos para nossa XIII Assembléia Geral Ordinária, no Rio de Janeiro, vimos pela presente comunicar-lhes nossa preocupação e angústia em relação aos eventos recentes na América Central.

Na ansiedade de fazer alguma coisa para aliviar o sofrimento do povo da América Central, resolvemos dirigir-nos à sua Conferência e, por meio de vocês, às pessoas de boa vontade dos EEUU, para encorajá-los na sua posição, assumida em favor de uma paz duradoura e justa, naquela parte do mundo, e na sua rejeição de qualquer programa que levaria a uma deteriorização da situação atual.

Desejamos dar nosso apoio ao trabalho que já está sendo feito pela sua Conferência neste campo e queremos comunicar a todos aqueles que procuram uma verdadeira democracia e fraternidade, a profundidade de nossa preocupação.

Unidos nos sentimentos do Senhor, que escuta o clamor do povo, e na força de Jesus Cristo, que veio para libertar todas as pessoas, partilhamos com vocês nossa esperança pela vinda do Reino de Justiça, Amor e Paz.

Sinceramente,

Os membros da XIII AGO/CRB

Base insubstituível para se ter força

Também na Igreja do Brasil, no mundo da juventude, nos movimentos de leigos, nas Comunidades de Base, cada vez mais se redescobre a oração. Esta é a base insubstituível. A Igreja para ser autêntica, para ter força, para sobreviver às dificuldades, para não se afogar nas amarguras, nas tensões e polêmicas deve ser um Igreja Orante. Leia à página 607: **Panorama atual da Igreja no Brasil.**

SAUDAÇÃO DE ABERTURA

À XIII AGO DA CRB

Estas palavras foram ditas na sessão inaugural da XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB, no dia 22 de julho de 1983.

Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Presidente Nacional da CRB

Senhor Cardeal Eduardo Pironio, Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, Senhor Cardeal Eugênio de Araújo Sales — Arcebispo Metropolitano no Rio de Janeiro, Senhor Dom Carlo Furno, Núncio Apostólico do Brasil, Senhor Dom Ignácio Barbosa Accioli — Abade do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, Dom David Picão, Bispo de Santos/SP, Representante da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Romeu Brigenti, Bispo Auxiliar e Vigário Geral da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Pe. Mateo Perdia, Presidente da Confederação Latino-americana de Religiosos, D. Martinho Micheler, OSB, Fundador da CRB, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente Emérito da Conferência dos Religiosos do Brasil, Padre Agostinho Castejón Presidente da Associação de Educadores Católicos, Padre Carlos Giacomuzzi — Vice-Presidente da Conferência dos Religiosos do Paraguai, Sr. Jean Jacques Pagnano, Presidente da Associa-

ção dos Irmãos de Esperança, Mons. Zeno Osório Marques — Diretor do Centro de Estatística Religiosa e Investigação Sociais — (CERIS), Senhores Membros da Diretoria e do Executivo Nacional da CRB, Senhores Presidentes e Secretários Executivos das Regionais — Senhores Membros da Equipe Nacional de Reflexão Teológica, Senhores Observadores e Assessores, Senhores Colaboradores e prezados Funcionários da CRB, Senhores Vogais da XIII Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil.

Estamos no umbral da XIII Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil.

Através de sua história de quase 30 anos, a CRB teve sempre nas suas Assembléias momentos privilegiados de vivência eclesial e fraterna, de reflexão e busca de caminhos para a Vida Religiosa, sob a guia do Espírito do Senhor Ressuscitado, único Senhor da História.

Desta vez, nossa Assembléia se insere no marco eclesial do Ano Santo da Redenção, colocado sob a grande consigna da Reconciliação, pelo Santo Padre o Papa João Paulo II.

A densidade de significado desta consigna é clara. De fato, a história humana se organiza numa dialética difícil de pecado e graça, de coexistência de obediência e de rebelia, de realização e de frustração do desígnio histórico de Deus. Agostinho, numa formulação, cujo segredo só ele conhece, podia realisticamente dizer "omnis homo Christus, omnis homo Adam"! : cada um é simultaneamente Cristo e Adão, velho e novo homem, céu e inferno.

A partir desta realidade, compreende-se toda a concretude histórica da necessidade da Reconciliação, sobretudo quando esta história se vive na ambigüidade e nas contradições de um contexto social que nega frontalmente o desígnio de Deus para o homem, e do qual todos somos, de uma ou de outra forma corresponsáveis. Mas a reconciliação passa necessariamente pelo caminho árduo e difícil da conversão, que significa em categorias evangélicas mudanças de rumo, de atitudes, de opções fundamentais no próprio projeto de vida e face às contradições históricas.

Os que preparamos esta Assembléia e sem dúvida nenhuma, todos os que dela vamos participar, alimentamos a grande esperança de viver aqui um momento forte de reconciliação, isto é, de conversão evangélica, de conversão dos "nossos" projetos ao único projeto do Reino.

Neste marco eclesial ao Ano Santo da Redenção e da Reconciliação, o apelo de Deus para nós, Superiores Maiores do Brasil, incide sobre uma temática de singular importância — A "Autoridade e Governo na Vida Religiosa, hoje".

Basta um rápido confronto entre a expressão da Autoridade no Novo Testamento, sobretudo na práxis de Jesus e da Igreja Primitiva, e as formas de expressão que ao longo do tempo foi assumindo o exercício desta autoridade, para captar a necessidade constante de uma conversão radical neste sentido, se se quer manter fidelidade às fontes evangélicas da Autoridade na Igreja.

Na atual conjuntura social e eclesial o tema se reveste não só de singular importância, senão de um certo caráter de prioridade, e diria mesmo, de urgência, dados os fatores que estão repercutindo do seu bojo.

Em amplos setores do povo de Deus, e a partir da "imbricação de fatores cuja interação, amadurecida no tempo, se radica no chão sólido e realista da vida", cresceu a consciência da dignidade do homem — Filho de Deus e sujeito da história — e da sua corresponsabilidade na condução dos projetos históricos, à escuta (ob-audire) sempre do Espírito do Senhor. Isto é, cresceu a consciência de que todos participamos de uma igualdade fundamental e somos corresponsáveis no exercício da liberdade cristã, em obediência ao único Senhor da História. Neste quadro e em consonância com a mensagem evangélica, o exercício da Autoridade só se entende como serviço à comunidade para o seu crescimento e seu serviço ao Reino, na

concretude das decisões históricas. Por outro lado, há claros indícios de uma certa resistência a esta purificação exigente do sentido da Autoridade na Igreja e na Vida Religiosa e uma certa tentativa de fixar-se ou de voltar às formas históricas do exercício da autoridade que encarnam menos o ideal do Evangelho e as exigências históricas.

Problemática complexa, difícil e desafiadora como cada um de nós, com curta ou longa experiência no exercício da Autoridade, na própria Congregação, capta perfeitamente.

E é sobre este desafio que vamos nos debruçar juntos estes dias da XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB.

Esta tarde, será apresentado, com mais detalhes, pela Irmã Maria Carmelita de Freitas, F. I., o histórico da escolha e determinação da temática da presente Assembléia Geral Ordinária. Entretanto, creio que este aceno à gravidade do assunto, que acabo de fazer, não poderia faltar neste momento inicial do nosso encontro.

O panorama que se abre à nossa frente inclui:

1. Uma análise acurada do momento atual, em relação com o tema da Autoridade na Igreja, a partir de toda uma retrospectiva histórica, que ajude a situar e a compreender, de forma pertinente, as tensões e os desafios desta conjuntura. Será o tema desenvolvido amanhã pelo Pe. João Baptista Libânio. Discernimento na atual conjuntura da Igreja: "A Volta à Grande disciplina".

2. A dimensão histórica e humana da Autoridade a ser desenvolvida pelo Frei Clodovis Boff, OSM, sob o título "O Evangelho do Poder-Serviço" abordando a Dimensão histórica e humana da Autoridade, nos ocupará no dia 24.

3. Uma abordagem teológica da Autoridade, tema, em certo sentido, nuclear, nesta Assembléia, será apresentada pelo Pe. Carlos Palácio, SJ e debatida no dia 25: "Da Autoridade na Igreja: Formas históricas e eclesiológicas subjacentes" (Elementos para uma hermenêutica cristã).

Em sucessivos momentos, outros aspectos mais particulares da temática serão debatidos em painéis, integrados por equipes de pessoas qualificadas nos respectivos assuntos:

1. Autoridade e Discernimento: Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Pe. Jaime Sullivan, OMI; Frei Antonio Moser, OFM.

2. Relações mútuas entre Bispos e Religiosos: D. Luciano Mendes de Almeida; D. João Batista Przyklenk; Ir. Helena Maria Bianchi; F. Jayme Biazuz, OFM Cap.; Pe. Cleto Caliman, SDB; Pe. Gabriel Selong, SVD.

3. A mediação dos pobres no exercício da Autoridade: Pe. Carlos Palácio, SJ; Frei Clodovis Boff, OSM; Pe. Antonio Aparecido da Silva, Ir. Ana Roy; Pe. Gaspar Gabriel Neerinck.

A manhã do dia 27 constituirá um momento de singular importância no desenvolvimento desta nossa Assembléia. Será dedicada à oração

e reflexão a partir das colocações do Sr. Cardeal Eduardo Pironio, Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, sobre a dimensão espiritual da autoridade.

Tanto para as palestras como para os painéis está prevista uma dinâmica que possibilite, dentro dos limites de um grupo numeroso, a mais ampla participação da Assembléia.

A importância desta participação e da contribuição de todos, para o aprofundamento da temática, não necessita ser enfatizada. A XIII Assembléia Geral Ordinária tem que ser um momento real de participação e de comunhão da Vida Religiosa no país. Só assim ela alcançará seu objetivo e se justificarão tantos esforços investidos na sua preparação e realização.

— Preside, hoje a abertura de nossos trabalhos, para honra e alegria desta XIII Assembléia Geral da CRB, sua Eminência o Sr. Cardeal Eduardo Pironio, Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares. Sua presença nos faz sentir mais perto de sua Santidade João Paulo II.

Sua Eminência com o carinho e a solicitude que dedica à Vida Religiosa e a todos os religiosos do mundo inteiro, o que tanto o caracteriza, não deixa de manifestar continuamente seu afeto à CRB, interessando-se pela sua vida e atividades, apoiando e incentivando todas as iniciativas que visam animar e promover a Vida Religiosa em nossa terra. A sua Eminência o nosso caloroso e profundo agradecimento e a nossa efusiva homenagem.

— Um agradecimento muito cordial ao Sr. Núncio Apostólico, Dom Carlo Furno pela sua honrosa presença entre nós. É a primeira vez que, como Conferência dos Religiosos do Brasil temos a satisfação de encontrá-lo. Vossa Excelência tem diante de si os primeiros animadores da Vida Religiosa no Brasil, vivida por quase 50.000 Religiosos de 465 Congregações organizadas em cerca de 700 Províncias. É um exército Sr. Núncio. E posso dizer, com serena tranquilidade, porque me foi dado conhecer nesses 6 anos: um exército valoroso. Na sua nova e delicada missão entre nós, como permanente representante do Santo Padre, conte com nosso apoio em tudo o que estiver dentro de nossas possibilidades.

— Um grande agradecimento a sua Eminência o Sr. Cardeal D. Eugênio de Araújo Salles, Pastor da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Sua Eminência, com a solicitude pastoral que tanto o caracteriza, tem me manifestado seu apreço à CRB Nacional deixando-nos trabalhar dentro de nossos objetivos, e interessando-se também, com atenção, pela Vida Religiosa de nossos Irmãos na sua arquidiocese. A sua eminência, nosso agradecimento e nossa homenagem.

— De modo singular quero destacar nossa gratidão D. Ignácio Accioli, Abade deste Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Presente em nosso país desde os seus primórdios, a Ordem Beneditina teve sempre uma especial influência no catolicismo brasileiro, como uma das grandes correntes de espiritualidade fontal e inspiradora para tantos mo-

vimentos eclesiais e para tantas famílias religiosas.

Hoje, mais uma vez, nos abre as suas portas e coloca à nossa disposição os seus recintos para a celebração da nossa XIII Assembléia Geral.

— Agradecimento vivo e profundo à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a todo o Episcopado Nacional, representado aqui por D. Davi Picão, membro da Comissão Episcopal de Pastoral e responsável pelo Setor da Vida Consagrada da CEP. O excelente entrosamento subsidiário das duas Conferências, a definição clara da posição da CRB no conjunto da Igreja do Brasil, suas atribuições e objetivos reconhecidos e valorizados pela CNBB, as reuniões periódicas dos quadros dirigentes das duas Organizações tão ricas e fecundas, a estreita colaboração e mútuo apoio em momentos de especial significância, são grandes marcos deste triênio, que relembro, aqui, como expressão do mais cálido reconhecimento.

— Quero dizer uma palavra muito fraterna à Confederação Latino-Americana de religiosos, presente entre nós, na pessoa de seu presidente, Pe. Mateo Perdia. Somos parcela da CLAR e queremos continuar a colaborar estreitamente, dentro de nossas possibilidades, para a difícil e delicada missão que pertence à CLAR: Promover e Animar a Vida Religiosa a nível latino-americano; coordenar as atividades que se orientam a estes objetivos.

— Um agradecimento muito amigo e muito grande à AEC presente entre nós na pessoa do seu presiden-

te o Pe. Agostinho Castejón. Caminhamos juntos neste triênio, carregando com entusiasmo o difícil e árduo programa de animar a Escola Católica a se transformar em verdadeiro centro estratégico de evangelização, onde os religiosos possam viver plenamente o seu projeto de vida, de modo a levar a Educação católica a produzir os agentes da transformação permanente e orgânica que requer a Sociedade Latino-Americana, possibilitando a comunhão e a participação, não só ao interno da Instituição, mas também no macro nível do econômico, do político, do social e do religioso.

— Quero expressar ainda estima e agradecimento ao Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) presente com seu Diretor Executivo Mons. Zeno Osório Marques. A colaboração deste organismo com a CRB tem sido estreita e muito profícua para um melhor serviço à Igreja e à Vida Religiosa.

— Entre os colaboradores da CRB, devo destacar com um vivo e sentido reconhecimento nossos amigos das Organizações ADVENIAT, MISEREOR, IRMÃOS DA ESPERANÇA, com seu Fundador e Presidente o Sr. Jean Jacques Pagnano, dando-nos a honra de sua presença, AÇÃO QUARESMA e AMA. Sem a sua grande e generosa ajuda as programações da CRB, em nível Nacional e Regional, não poderiam, de forma alguma, manter-se em toda a sua extensão e riqueza, para a consecução dos seus objetivos: Animação e Promoção da Vida Religiosa.

Aos meus colaboradores mais diretos que compartilham comigo o peso e a responsabilidade da gestão da

CRB durante este triênio, os Diretores Nacionais, a expressão mais sincera do meu agradecimento. A disponibilidade, e o sentido de responsabilidade demonstrados no desempenho do seu mandato, a colaboração assídua e fraterna, o real interesse em assumir comigo as preocupações e as decisões, foram fatores que influenciaram decisivamente para o bom andamento da Conferência, no seu conjunto, e nos seus vários setores.

Da mesma maneira, quero dirigir uma palavra feliz de reconhecimento aos membros do Conselho Superior que, com atenta solicitude, e fraterna colaboração acompanharam, de perto, a vida e as atividades da CRB, estimulando e encorajando, sugerindo e questionando.

Quero lembrar também a eficiente e responsável atuação do Conselho Fiscal no desempenho do seu mandato, e expressar a todos os membros deste conselho meu muito obrigado fraterno e cordial.

A ação da CRB não poderia atingir, de fato, as bases, nem responder adequadamente às realidades tão diversificadas do Brasil, se não fossem as nossas Regionais. Elas são a concretização e a expressão mais visível da vitalidade da Conferência. É justo, por tanto, que recebam, neste momento, na pessoa de seus dedicados Presidentes, Diretores, Executivos e membros de núcleos diocesanos, um agradecimento muito vivo pela colaboração e união com a Nacional e pelo serviço constante, profícuo e abnegado à Vida Religiosa no país.

Ao meu Executivo Nacional, que, embora afogado nos trabalhos por-

que cronicamente reduzido em número, respondeu de maneira eficiente, criativa, responsável e dinâmica pelas muitas programações, realizações e funcionamento desta Sede Nacional, o meu testemunho da mais sincera gratidão. Sua presença constante no dia-a-dia, sua amizade fraterna, seu real interesse pela Conferência, sua dedicação irrestrita constituíram, para o Presidente e para a Diretoria Nacional, um apoio e uma serena garantia de êxito no desempenho da Missão a nós confiada pela XII Assembléia Geral.

Um destaque especial aos membros dos vários grupos de Reflexão e de Trabalho assessorando o Executivo Nacional. Graças à sua competência e disponibilidade a CRB pode levar com êxito a Reflexão, o Planejamento e a Realização da animação dos Religiosos em sua presença e ação diversificadas da Vida Religiosa na Educação, Inserção nos meios populares, Profissionalização e Saúde.

Destaco também, de um modo todo especial, com grande afeto e amizade a inestimável colaboração dos nossos funcionários e funcionárias da Sede Central e de todas as Regionais. Eles fazem possível a vida e a atividade da Conferência e ocupam muitos postos-chaves dentro de nossa organização e são, por isto mesmo, credores de nosso mais caloroso, efusivo e sincero reconhecimento.

Uma saudação muito cordial aos nossos assessores, colaboradores e observadores, particularmente aos Superiores Gerais e membros de Conselhos Gerais aqui presentes e

que vieram de além mar para auscultar conosco a realidade da Igreja e da Vida Religiosa do Brasil.

E uma palavra **toda** especial aos nossos Conferencistas, e na pessoa deles à valorosa e competente Equipe Nacional de Reflexão Teológica da CRB que incansavelmente e com extraordinária dedicação, assessorou, em todo o momento a Diretoria, e

brindou aos Religiosos do país e fora do país excelentes trabalhos, estudos e subsídios.

Invoco sobre todos os participantes a luz e a força do Espírito. Que estes trabalhos e a nossa convivência fraterna destes dias, sejam mais viva expressão da Comunhão e Participação que queremos anunciar como testemunhas do Reino.

XIII Assembléia Geral Ordinária (AGO) da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)

Do dia 22 a 29 de julho de 1983 se realizou, no Rio de Janeiro, esta XIII AGO da CRB. Uma de suas finalidades foi apreciar o **Relatório Geral das Atividades** no período que estava terminando, isto é, dos últimos três anos. O Relatório Geral, apresentado na XIII AGO, retrata a caminhada da Vida Religiosa nos últimos anos e a atuação da CRB nessa caminhada. Consta de três partes.

Primeira. Síntese do **processo evolutivo da Vida Religiosa**, visto numa perspectiva teológica e histórica, abrangendo cinco aspectos principais: (1) Os fatores que mais influíram na caminhada da Vida Religiosa nos últimos anos. (2) Constantes que definem os avanços da renovação da Vida Religiosa. (3) Impasses e contradições inerentes ao atual processo de mudança. (4) Tendências dominantes que se revelam atualmente. (5) Desafios que devem ser enfrentados.

Segunda. Visão do processo nestes últimos três anos. (1) Comunhão e participação como elementos marcantes no processo renovador da Vida Religiosa. (2) Presença e ação diversificadas da Vida Religiosa na atual conjuntura eclesial. (3) Vida Religiosa contemplativa, sua atualidade no momento histórico e seus desafios. (4) A formação na atual conjuntura, importância decisiva para todo o processo renovador da Vida Religiosa. (5) A reflexão teológica feita em cima do processo, fator prioritário de dinamização e de discernimento na caminhada.

Terceira. OS FATOS, isto é, o Relatório Geral das Atividades da CRB, de 1980 a 1983.

Conheça o que a sua CRB fez e continua fazendo. Adquira os dois fascículos do Relatório Geral das Atividades da Conferência dos Religiosos do Brasil. Peça à sua Regional da CRB ou à CRB Nacional. Vale a pena.

A VIDA RELIGIOSA NA IGREJA E NO MUNDO

*Esta conferência foi feita para os Religiosos
do Rio de Janeiro, às 19,30 horas do dia 24 de julho
de 1983, durante a XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB.*

Cardeal Eduardo Pirônio

Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos
e Institutos Seculares

Sof 3, 9-12; Rm 12, 3-13; Lc 21, 25-28

Esta conversação — palestra — deverá enquadrar-se num clima de profunda, serena, saborosa contemplação da Palavra do Senhor. Por isso escolhemos três textos da Escritura: **Sofonias**, falando-nos de um pequeno resto que espera a salvação, é um chamado à pobreza, à espera ardente e alegre pela salvação; depois escutamos um texto de **Paulo, aos Romanos**, que nos fala da unidade em um mesmo corpo e da multiplicidade dos diferentes membros, chamando-nos a viver nossa própria identidade para a edificação do corpo e recordando-nos, particularmente, que nossa caridade tem de ser sincera, nossa alegria tem de ser vivida na esperança, nossa fortaleza na tribulação e nossa perseverança na oração; depois escutamos, no **Evangelho** de Jesus, palavras que nos abrem uma perspectiva também de esperança: “Quando to-

das estas coisas se cumprirem, levantai vossas cabeças porque vossa libertação está próxima”. Sofonias nos chama à pobreza: pobreza interior, pobreza efetiva, pobreza afetiva, pobreza total de nós mesmos para depender de Deus, que é nossa salvação; vivida à escuta da Palavra do Senhor, à escuta de nossos irmãos e numa atitude muito livre interiormente, de doação e de serviço a nossos irmãos. Chamados à pobreza, chamados, depois, à intimidade profunda com o Senhor, formamos um só corpo com Ele no mesmo Espírito. Chamados a viver fiéis à nossa identidade, colaborando no Corpo de Cristo, sendo plenamente Igreja para o bem de nossos irmãos. E, finalmente, chamados à esperança: “Levantai vossas cabeças, não tenhais medo porque a libertação está próxima”. Quero começar com essa reflexão de um **chamado à pobreza**,

um chamado à comunhão e um chamado à esperança. Parece-me que isto é muito necessário neste momento de nossa Igreja, de nosso mundo, de nossa vida consagrada.

Quisera apresentar-vos uma visão muito rápida, muito global e muito sintética da **vida religiosa na Igreja e no mundo de hoje**, para que cada um, a partir de sua fidelidade ao Cristo que o chamou, procure construir um mundo novo e ser fiel na resposta ao homem, à história, ao mundo de hoje que nos espera. Quando eu digo "a vida religiosa no mundo e na Igreja de hoje", pareceria um tema demasiado amplo, demasiado vasto. Certamente o é. Porém, quero conversar convosco como um pai, um irmão, um amigo, que apresenta temas, coisas que toca, que experimenta ao contato da vida universal da Igreja, respeito à vida religiosa. Penso que este ano, particularmente, há um chamado muito forte, muito íntimo, muito instantâneo do Senhor a todos os cristãos, mas particularmente às almas consagradas, a viver um processo de renovação, de conversão, de reconciliação, de oblação total ao Senhor e de dom generoso aos irmãos. O Senhor nos está esperando. É um momento de salvação e nos diz: reconciliai-vos com Deus, reconciliai-vos entre vós, convertei-vos, começai a caminhar por um caminho novo.

Depois de haver lido estas palavras da Escritura — Sofonias que nos chama à pobreza, Paulo que nos chama à comunhão, Cristo que nos chama à esperança — eu quisera propor-vos, como introdução, algumas observações. Em primeiro lugar,

a vida religiosa depende da vida da Igreja e da situação do mundo. Interessa muito, à vida religiosa, como vive a Igreja, como vive o mundo. A vida religiosa depende da vida da Igreja, depende de seu mistério intrínseco, de seu dinamismo missionário e da situação do mundo. Vós o comprovais aqui, concretamente, no Brasil. Como vai a Igreja, como vai o mundo, quais são as interpeleções do mundo, quais são as exigências concretas da Igreja. Isto mostra um chamado muito concreto, muito particular à resposta da vida consagrada. A vida religiosa é sempre um anúncio explícito, claro, concreto, do reino de Deus. Mas se realiza em um contexto determinado, numa Igreja concreta, na Igreja universal, presidida por João Paulo II, na Igreja local e na Igreja particular; a Igreja local que vive no Brasil, a Igreja particular que vive ou no Rio ou em São Paulo, em qualquer das outras dioceses do Brasil. Eu digo isto: quando uma Igreja local, por exemplo, Brasil, está realmente viva e unida por meio da Palavra, do Espírito e da Eucaristia, quando uma Igreja vive assim, unida e viva, encontraremos seguramente uma vida religiosa florescente, madura e comprometida, evangelicamente comprometida. O que quero dizer é que a vida religiosa depende da Igreja local. Certamente, a Igreja local se nutre e vive fortemente da vida consagrada, mas a imagem característica e força da vida consagrada depende da vitalidade e da unidade da Igreja particular. Então, eu compreendo muito bem que a vida consagrada depende certamente da imagem do bispo, dos sacerdotes, do povo que vive nesta Igreja local ou par-

particular. Mas também compreendo que isso depende da fidelidade com que cada comunidade ou cada Instituto religioso trata de penetrar esta Igreja particular, descobrir as exigências concretas do Senhor, os chamados do Espírito para formar, na comunhão da Igreja universal, um só Povo de Deus, um só Corpo de Cristo, um só Templo do Espírito. Igreja particular ou local que vive da vida religiosa; vida religiosa que vive da vitalidade e da unidade da Igreja local.

Toda vida religiosa creio que tem essas **três características**: uma vida profundamente cristã, uma vida eclesial e uma vida histórica concreta.

Uma vida cristã — A vida religiosa é essencialmente seguimento radical de Jesus Cristo. Fomos tomados por Cristo, como disse Paulo aos filipenses, fomos chamados a deixar todas as coisas como perda, lixo, e então conhecer o mistério de sua morte e de sua ressurreição. Experimentar o mistério pascal. Seguir no caminho de Cristo, porque nós fomos conquistados, alcançados. Não se concebe uma vida religiosa sem essa progressiva e alegre configuração ao Cristo da Morte e da Ressurreição, da cruz e da esperança, ao Cristo da Sexta-Feira Santa e do Domingo da Ressurreição. Vossa vida consagrada é um gritar fortemente a Páscoa de Jesus, gritar que Jesus ressuscitou, vive e vai caminhando conosco.

Uma Vida Eclesial — A vida consagrada, religiosa, é profundamente eclesial, isto é, a vida religiosa constitui uma forma específica, essencial, original, de ser Igreja. Per-

tence, como disse o Concílio, inseparavelmente, à vida e à santidade da Igreja. Ao mesmo tempo, a Igreja vive da vida religiosa, da sua fidelidade à própria identidade e à comunhão nesta Igreja. Costumo insistir muito nisto: em que uma vida consagrada, uma vida religiosa não se realiza senão a partir da fecunda comunidade da Igreja, à sombra ou gerada pelo Espírito Santo. É uma idéia que me obceca, por assim dizer. Não é que uma Congregação, um Instituto, nasça e depois seja enxertado na comunhão eclesial. Ao contrário, é o Espírito que, com sua fecundidade, gera a comunhão eclesial como gerou, no seio virginal de Nossa Senhora e faz surgir novos carismas, novos Institutos, novas Congregações. Mas tudo nasce da fecundidade de comunhão da mesma Igreja. Por isso, este sentido de eclesialidade é tão fecundo e tão essencial na vida Consagrada. Não é simplesmente o fato de entender-se com o bispo, com a Conferência episcopal, ou um país com a Igreja local. É viver o mistério da fecundidade sacramental de uma Igreja que gera carismas diversos, distintos, pluriformes, mas sempre dentro da unidade do mesmo Espírito. Todos formamos um só corpo.

Uma Vida histórica concreta — Uma vida religiosa que responda concretamente a estas necessidades do “hoje” do mundo, do “hoje” do Brasil, de um Brasil por um lado visitado pelas secas do norte e pelas enchentes do sul; de um Brasil sacudido por estas fortes tensões interiores, mas de um Brasil visitado pela misericórdia, a bondade e a ternura de Deus. É neste contexto que tem que situar-se a vida religio-

sa, a vida consagrada. Tem que ser uma resposta evangélica, a partir da fidelidade ao próprio carisma, à própria essência ou identidade da vida consagrada, tem que ser uma resposta às exigências concretas do mundo, do homem, da história, de hoje. Só queria dizer isto como introdução, entrar nesta conversação desta noite: uma vida consagrada que dá resposta ao mundo de hoje, uma vida consagrada que espera uma resposta generosa, alegre, total ao mundo de hoje.

Eu quisera apresentar-lhes, agora, muito simplesmente, **três pontos**: o primeiro é a Igreja e o mundo no contexto de hoje; em segundo lugar, os aspectos mais importantes da vida religiosa, hoje; em terceiro lugar, algumas linhas para uma verdadeira renovação da vida religiosa e consagrada.

A Igreja e o mundo de hoje

Quando penso na Igreja e no mundo de hoje, penso particularmente no que a nós corresponde, a partir do Concílio Vaticano II. Eu entendo que na Igreja do Vaticano II até agora, encontramos estas **três linhas fundamentais**: Primeiro, **uma Igreja que escuta a Palavra do Senhor e A celebra na Eucaristia**. A Igreja que escuta a Palavra do Senhor seria a Constituição "Dei Verbum", sobre a Palavra do Senhor. A Igreja que celebra essa Palavra na Eucaristia seria "Sacrosanctum Concilium", a Constituição sobre a Liturgia. Faz precisamente 20 anos. É o primeiro documento solene, grande, que aplicou o Concílio. Então, quando penso nessa Igreja que escuta a Palavra e A celebra, penso em

um novo momento da Igreja, em um momento do silêncio, de escuta, de adoração, de contemplação da Palavra do Senhor. Quem diz que o Concílio Vaticano II distorceu esse centro de Deus para o homem, para centrar todas as coisas no homem, não entendeu o significado profundo do que Paulo VI dizia, precisamente ao encerrar o Concílio Vaticano II: Se nós centrarmos a atenção no homem, é porque no homem encontramos a Cristo e em Cristo encontramos a Deus. Então, todo o humanismo se faz cristocêntrico e todo cristocentrismo se faz teocentrismo. É um pouco a linha do que segue o Papa João Paulo II: o homem como caminho a Jesus Cristo e por Jesus Cristo ao Pai. Parece muito importante para nós recordar que o primeiro grande documento aprovado pelo Concílio, em 05 de dezembro de 1963, foi precisamente "Sacrosanctum Concilium", da Liturgia, que nos põe em atitude de adoração, de louvor, de oração, de súplica, de contemplação. E é precisamente por esse caminho que vai a vida religiosa hoje. Eu quisera insistir que se há uma característica positiva, otimista, cheia de esperança na vida religiosa, é porque hoje a vida religiosa se torna cada vez mais profundamente interior, de louvor a Deus por Cristo no Espírito, de adoração e de contemplação.

Outro aspecto dessa Igreja, depois do Concílio Vaticano II: **Igreja que busca sua identidade na imagem de Cristo e na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito**. É uma Igreja que encontra sua identidade na imitação de Jesus Cristo-Páscoa e na imitação da Trindade Santíssima. É o que nós compreendemos através da "Lu-

men Gentium”: a Igreja Sacramento de Comunhão, Sacramento de Unidade, a Igreja Sacramento universal de salvação, a Igreja presença do Cristo pascal, Cristo entre nós, esperança da glória.

Queridos irmãos e irmãs, parece-me que aqui está toda a síntese de todo o mistério da Igreja. A Igreja, Cristo entre nós, esperança da glória, Cristo através do qual conseguimos a comunhão com o Pai, no Espírito. Igreja que se funde no mundo como Sacramento universal de salvação.

Vejamos essa Igreja-comunhão. E penso na vida consagrada, e penso que há hoje, felizmente, uma descoberta e uma promoção desta vida de comunidade-comunhão. Comunidade a nível do mundo. Igreja que vive fortemente sua comunhão, vida religiosa que sente que sua vida não tem sentido se não é vivida a partir da profundidade da comunhão eclesial no interior de um instituto, no interior de uma Igreja local, no interior de uma inserção no mundo. Igreja que busca sua identidade na comunhão. Vós buscais vossa identidade. Cada um, conforme seu instituto, segundo a fidelidade a seu próprio instituto, cria, forma a comunhão eclesial.

E um terceiro aspecto desta Igreja de hoje: é **uma Igreja enviada, uma Igreja missionária, uma Igreja encarnada**. É a Igreja “ad gentes”, a Igreja enviada ao mundo para anunciar a Boa Nova do Reino. É a Igreja “Gaudium et Spes”, a Igreja profundamente inserida no mundo de hoje. A Igreja inserida no hoje do Brasil e nesta região. Vós formais

quase um continente, regiões muito diversas, com problemáticas muito diferentes, com angústias muito semelhantes, com esperanças fundamentais também muito iguais. Esta vida religiosa, esta Igreja, é enviada a este contexto concreto. É uma Igreja missionária. Ontem ouvimos D. Ivo que explicava as sete características em que teria que mover-se a Igreja no Brasil: Igreja evangelizadora, Igreja profética, Igreja missionária, isto é, Igreja profundamente encarnada, encarnada em problemas, em situações muito diferentes, Igreja dolorosamente encarnada em situações de cruz, mas Igreja enviada para anunciar sempre a ressurreição, a vida, a esperança; Igreja que tem de comprovar que este é o momento histórico que tem que viver, que esta é a situação que tem de compreender, que este é o homem e o mundo a quem tem que dar resposta evangélica.

Queridos religiosos e religiosas, vimos uma Igreja que escuta a Palavra e A celebra, vimos uma Igreja que vive a comunhão, vimos uma Igreja que sente a missão. Vós tendes de viver essa tríplice dimensão. Uma dimensão contemplativa e adorante: escutar a Palavra, saboreá-la, realizá-la, adorar, viver na atitude de oferenda e de entrega; viver na atitude de comunhão, sendo fielmente idênticas a seu próprio carisma e respondendo às exigências concretas da Igreja particular; finalmente, sentindo o impulso constantemente missionário do Espírito, andar, pregar, batizar. “Sede discípulos meus”! Parece-me que por aí tem que caminhar essencialmente a vida consagrada, depois do Con-

cílio. É uma Igreja que entendo como atenta à Palavra e que A celebra; por conseguinte, contemplativa e adorante; uma Igreja que vive em simplicidade fraterna a comunhão; uma Igreja que se sente constantemente missionária.

Esta Igreja, entretanto, se realiza **num mundo concreto**, é uma igreja, como define o Concílio, uma Igreja Sacramento universal de salvação. É interessante como "Gaudium et spes", quando fala da Igreja sacramento universal da salvação, diz que é esse sacramento universal da salvação porque é Deus entre os homens. A Igreja é sinal, instrumento do amor entre os homens. A vida consagrada tem de ser um sinal, um grito profético de que Deus é amor.

Não quero que nos entretenhamos em descrever este mundo de hoje, mas quisera, sim, referir-me a três aspectos **desde mundo** que pedem nossa resposta como vida consagrada.

O primeiro aspecto é **um mundo que muda** profundamente, rapidamente, universalmente. Então, a nós, como vida consagrada, apresenta-se um problema: como fazemos para seguir a caminhada deste mundo? Não podemos mudar nossa identidade religiosa. Temos que ser fortemente fiéis à nossa identidade específica; no entanto, temos que caminhar. Temos que observar, temos também que mudar algumas coisas acidentais que não tocam a essência fundamental dos valores evangélicos, dos quais somos testemunhas. Aí entra um pouco a dor, o sofrimento, a alegria da busca. Senhor, dize-me em

que devo mudar. Senhor, dize-me em que devo permanecer inquebrantavelmente fiel. O mundo muda e também tenho de mudar, mas existe algo em mim que tem de ser sinal explícito, concreto, alegre do Reino e da Presença de Jesus. Não importa se mudo um pouco de meu véu, mas que não mude meu coração que tem de ser uma testemunha muito clara, muito forte, muito alegre, muito concreta, muito quotidiana do amor de Deus aos homens. Um primeiro elemento do mundo é que muda. Então, nós devemos estar atentos em que devemos mudar. Não no essencial, caríssimos irmãos e irmãs. Paulo nos disse: "Não vos amoldeis a este mundo que muda". Há algo essencial em nossa vida que não pode mudar, valores essenciais — verdade, amor, santidade — a que não podemos renunciar. Há uma expressão do Cristo pascal que não podemos ocultar. Mas há coisas que, em nosso caminhar com os homens, certamente temos de acompanhá-los. E nisto pode também haver alguma mudança em nós.

Uma segunda característica do mundo de hoje é **a violência**. Não digo a violência como fato casual, mas a violência como um modo concreto de viver. Hoje estamos vivendo a violência como uma norma concreta, já não nos chama a atenção. A violência de um lado ou de outro, a violência do seqüestro, a violência da prisão, a violência da opressão, a violência da repressão, já não nos chama a atenção; nós estamos acostumados a este mundo de violência, mundo que, no entanto, é feito para a reconciliação, para o amor, para o perdão. Diante deste mundo, vós deveis gritar que Deus é amor, que

Deus é perdão, que Deus veio por Jesus Cristo para reconciliar o mundo com o Pai, que Jesus Cristo é a paz, que a única violência autêntica, verdadeira, é a interior, que nos manda superar pela cruz toda tensão e chegar, assim, à glória da ressurreição.

Outro aspecto deste mundo em que vivemos é a **pobreza**, a injustiça, entretanto, para a liberdade, para a justiça, para a paz, para a participação. Exigência, então, de uma vida consagrada que seja testemunho de liberdade interior, de pobreza evangélica, de participação, de comunhão, de mediação da paz. E parece que, para os religiosos e as religiosas, está escrita particularmente esta bem-aventurança evangélica: "felizes os artífices da paz, porque eles serão os filhos de Deus".

Esse nos parece o mundo e a Igreja que se nos apresentam hoje: Igreja que escuta e celebra a Palavra, Igreja que escuta e descobre sua identidade na comunhão, Igreja que se sente enviada pelo Senhor num mundo de mudança, num mundo de violência, num mundo de opressão, de injustiça.

Aspectos mais importantes da Vida Religiosa Hoje

Quais nossas respostas, hoje? Quais são os pontos, os aspectos importantes da vida religiosa hoje, isto é, que é que vemos na vida religiosa hoje? Embora, estando em Roma, lamentavelmente, eu veja e escute mais a parte negativa, quero acentuar os valores positivos porque desejo ser profeta de esperança e não profeta de calamidades, como

dizia João XXIII, ao começar o Concílio. Quais são esses aspectos que encontro na vida religiosa de hoje?

Primeiro, **uma busca mais profunda de Deus**, isto é, o desejo de uma vida de oração mais autêntica, de viver uma vida contemplativa autêntica, uma dimensão contemplativa verdadeira, busca de uma espiritualidade apostólica baseada no Evangelho e na inspiração dos fundadores e na exigência dos tempos novos. Necessidade de uma forte vida interior que evite toda dicotomia. Esta profunda experiência de Deus parece-me ser um dos maiores dons que Deus concede hoje à Igreja e, concretamente, à vida religiosa. É preciso repetir isto, meditando o Evangelho de Marta e de Maria. Portanto, há um chamado de Deus à interioridade contemplativa — Maria escolheu a melhor parte. Mas todos nós aqui fomos chamados a uma vida essencialmente apostólica, de serviço, de entrega, de palavra, de compromisso. Como tem que ser nossa vida? Digo, não só imitar Marta, imitar Maria, ou antes Maria e depois Marta, ou seja, um pouco de contemplação e um pouco de ação. Não, para mim, não tem sentido. Na vida apostólica tem que ser totalmente Marta e totalmente Maria, isto é, uma vida que é vivida essencialmente na entrega generosa aos demais, no descobrimento e na atenção aos problemas dos outros, mas, ao mesmo tempo, na permanente escuta da Palavra do Senhor. Vinte e quatro horas como Marta, no serviço; vinte e quatro horas na escuta da Palavra do Senhor, como Maria. Então, qualquer acontecimento nos fala como a Maria, qualquer risco, qualquer sofri-

mento, qualquer alegria nos chama como a Marta. Vejam, toda a nossa vida tem que ser assim, senão jamais conseguiremos, caríssimos irmãos e irmãs, esta unidade interior que é fonte de serenidade, de paz, de alegria, de esperança, se o Senhor não nos faz constantemente Marta, constantemente Maria. Dizia, então, que podemos destacar esta busca de Deus.

Um outro, um segundo aspecto da vida religiosa de hoje é uma **inserção muito profunda nas Igrejas locais**. Isto é muito normal. Se a vida religiosa é vivida no contexto de uma Igreja local, sente-se a necessidade de uma comunhão forte e dinâmica dentro da Igreja local. Isto produz também os seus conflitos. Sobretudo os que são de institutos internacionais, que têm sua Casa Geral, por exemplo, na Europa, em Roma. Suas comunidades estão vivendo aqui no Brasil. Se a realidade lhes está pedindo uma coisa e seu carisma lhes está pedindo outra, que fazem?... Creio que aí é o momento de discernir, em Deus, em comunidade eclesial, presidida também pelo bispo, e dizer: bem, a mim, esta Igreja local, por suas exigências pastorais, me está pedindo isto, mas, por outro lado, meu carisma fundacional me pede que responda a isto de minha maneira específica. Então, é questão de caminhar ao mesmo tempo, na própria espiritualidade e na própria fidelidade ao carisma e, ao mesmo tempo, descobrir quais são as exigências desta Igreja local. Não posso entender — sim, posso entender na prática porque se dá — mas não posso entender, em princípio, que possa haver conflito entre uma vida consagrada vivida

aqui no Brasil, em determinada zona, com exigências concretas de mundo e de Igreja e as exigências da própria Congregação, do próprio carisma. É preciso caminhar em ambas as coisas, e chegar a uma perfeita comunhão eclesial, uma resposta evangélica. Mas, me parece que por aí se vai fazendo um caminho da vida religiosa.

Um terceiro aspecto é a **busca mais verdadeira de valores essenciais**. A vida religiosa é considerada como uma aliança de amor. Exige uma resposta de amor a um Deus que nos amou primeiro. O mistério pascal encontra na vida religiosa uma realização concreta. A vida religiosa é uma celebração do mistério pascal. A vida religiosa não se concebe, em primeiro lugar e exclusivamente, num contexto puramente jurídico. Não se concebe assim. A vida religiosa se concebe num contexto evangélico, ideológico, de aliança de amor.

Um quarto aspecto, que me parece muito importante na vida religiosa de hoje, é um **sentido particular da justiça**, é uma verdadeira **opção pelo pobre**. É um desejo de inserir-se mais profundamente na realidade popular, sem deixar de ser permanentemente fiel ao seu próprio carisma. Isto se apresenta à vida religiosa como um desafio verdadeiramente pascal que equivale certamente a um risco evangélico. Trata-se também aqui de perder sua vida para encontrá-la em Cristo. Um desvio nisto, da defesa dos valores humanos, da opção preferencial pelos pobres — e houve muitos, muitos desvios —, uma perigosa radicalização sócio-política nos

faz perder a identidade própria e, às vezes, inclusive a identidade evangélica. Mas, o espírito de sabedoria e de fortaleza, o espírito de conselho, de prudência não deixe de animar estes consagrados e consagradas, para que não virem algo que não seja determinado pela vida consagrada, que não seja determinado pela essência do Evangelho e confirmado pelos bispos na América Latina, que é essa opção privilegiada pelos pobres.

Quem são esses pobres? Onde estão? Como ir a eles? É coisa que depende de uma interiorização comunitária, eclesial, que tem de ser feita num discernimento de oração, muito de comunhão, muito de pobreza e alegria no serviço. Mas, que tem de ser assumida generosamente por todos. Parece-me que, nisto não há absolutamente nenhum problema.

Outro aspecto que se refere à vida religiosa hoje é seu **sentido da profecia**, isto é, a vida religiosa que concebe sua identidade em uma linha profética. Seria mal se pensássemos que, na Igreja, a vida religiosa resume a profecia enquanto a hierarquia assume o governo. Não, todos participamos de um mesmo povo de Deus, profético. Mas é certo que a vida religiosa tem um caminho, como ontem nos recordava D. Ivo. É um caminho de anúncio profético, um caminho como João que corre ao sepulcro e vê o Senhor. Esta é a identidade profética; parece-me que isto é muito importante.

Outro aspecto positivo da vida religiosa hoje é **a comunhão, a co-**

munidade. A vida religiosa hoje é uma busca da vida na comunidade perfeita.

Talvez nos tenhamos acostumado com essas palavras, mas me parece que é muito essencial recordar que uma comunidade não tem sentido se não for vivida numa linha de comunhão. Comunhão, antes de tudo, com o Senhor, através da oração profunda, interior, contemplativa, do deserto, de momentos de escuta; comunhão depois a nível da comunidade local que seja autêntica na simplicidade, alegria; comunidade a nível de Instituto provincial e geral; comunidade a nível inter-congregacional; comunidade a nível eclesial, sentindo-nos membros de uma mesma Igreja local, uma Igreja particular; comunhão a nível de inserção profunda com o povo de Deus que peregrina, para ser o sinal de um só Corpo de Cristo, um só Povo de Deus, um só Templo do Espírito.

Linhas para uma verdadeira renovação da Vida Religiosa

E quero, finalmente, apresentar um terceiro ponto que seriam algumas linhas gerais neste sentido, para uma verdadeira renovação da vida religiosa, isto é, apresentar um pouco a Igreja de hoje, a vida de hoje. Eu quisera, simplesmente, destacar-lhes três aspectos que me parecem essenciais para uma autêntica renovação da vida religiosa hoje. São três aspectos que em concreto correspondem a três documentos publicados pela Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, nestes últimos tempos.

Primeiro aspecto é a **comunhão**. E seria o documento "Mutuae Relationes". Segundo aspecto é a **missão**. E seria o documento "Religiosos e promoção humana". Terceiro aspecto é **contemplação** e o documento seria "Dimensão contemplativa da vida consagrada".

Quero apenas destacar esses aspectos, nada mais, para não cansar. Parece-me que é fundamental caminhar numa profunda renovação da vida religiosa, por esses três caminhos: comunhão, missão, contemplação.

Comunhão — É comunhão orgânica, isto é, comunhão do próprio povo de Deus, precedido pelos pastores e em última análise, a nível universal, precedido pelo Papa João Paulo II. Esta comunhão exige, na vida consagrada, fidelidade a duas coisas: fidelidade às exigências da Igreja e do momento histórico que se vive e fidelidade à própria identidade religiosa e carismática. Isto é, ao que eu tenho que ser. Essa comunhão, então, exige em mim uma autêntica percepção do que está sucedendo no mundo de hoje, do que está pedindo a Igreja; um esforço muito grande para despojar-me de tudo e procurar interiorizar-se no que hoje é clamor de Deus através das necessidades do povo ou através das exigências pastorais da Igreja. Para mim é, ao mesmo tempo, uma volta simples, serena, profunda de meditação, de discernimento. Qual é o meu carisma? A esta exigência concreta da Igreja, eu não posso responder da mesma maneira que os leigos, os sacerdotes, os bispos. Tenho de responder de minha maneira específica, como

uma Congregação determinada, tenho que ser fiel a meu carisma. Tudo que é eclesial me interessa, mas nem tudo que é eclesial tenho que realizar, segundo minha maneira. De uma maneira a realizam as Salesianas, as Missionárias de Jesus Crucificado, os Dominicanos, os Jesuítas... Cada um tem que responder a este mundo concreto segundo a fidelidade.

A Comunhão, neste momento, queridos irmãos e irmãs, me parece muito importante. Ontem eu dava um testemunho com muita alegria, ao ver a comunhão da Conferência Episcopal, CNBB, com a CRB. Eu vos peço que continuem caminhando na comunhão. Não há sentido senão assim: caminhando na comunhão.

Depois, **missão**. Sentir a alegria de um empenho profundo neste mundo concreto de hoje, com todos os riscos, com todas as urgências, sentindo que é Cristo que nos envia, sabendo que não podemos realizar uma presença profética ou dar uma palavra profética senão a partir de nossa interioridade contemplativa. Procurar ver este mundo de hoje, sentir que não somos chamados a encerrar-nos em nós mesmos, mas para sair, ir, pregar, anunciar, ser viva presença de Cristo crucificado, testemunha do amor e profeta de esperança; sentir a urgência do envio.

Finalmente, a **contemplação**. Isto me parece muito fundamental. É o documento sobre a dimensão contemplativa da vida consagrada. É um pouco tudo o que nos ensina o Evangelho, que nos ensina to-

da a Igreja. Sem partir simplesmente da interioridade, da escuta da Palavra, como podemos nós ser profetas? Profeta é unicamente aquele que, na solidão austera do deserto, escuta uma palavra e a anuncia. Profeta é aquele que se deixa invadir pelo Espírito e proclama aos homens as maravilhas da salvação. Profeta é aquele que renuncia à sua vida e vai à morte para dar a vida a seus irmãos. Mas tudo isto exige um contexto de silêncio, de serenidade, de deserto, de oração, de contemplação. Então, queridos irmãos,

se querem ser profetas, sejam pobres e contemplativos. Se querem servir generosamente a seus irmãos, vivam à escuta da Palavra do Senhor e entreguem-na com simplicidade. Se querem, como Jesus, ser testemunhas muito claras do amor do Pai, deixem-se invadir por esta experiência muito forte de um Deus-Amor que nos une na fraternidade evangélica, nos faz um só coração e uma só alma e nos apresenta ao mundo como amigos de Deus, testemunhas do amor e profetas da esperança. Que Maria nos ajude.

Jesus veio para destruir a Lei?

O Evangelho é expresso e taxativo: NÃO. “Não julgueis que vim abolir a Lei” (Mt 5, 17). Jesus veio para aperfeiçoá-la, para lhe dar interioridade, cumprimento e plenitude. “Eu vim para cumprir a Lei e os Profetas”. O Amor, que Ele é, é a síntese acabada da Lei (Mt 7, 12 e 22, 40). Jesus, na imanência imperfeita da Lei, apontou uma abertura à perfeição transcendente.

Quando Deus escolhe alguém é para os outros

Quando Deus consagra uma pessoa, a ela é concedido um carisma especial para realizar o seu plano de reconciliação em benefício da salvação do gênero humano. Ele não se contenta em escolher alguém, colocá-lo à parte e consagrá-lo a si, mas faz que ele entre no seu projeto divino. A consagração tem por inevitável consequência a missão. Estas são as duas faces da mesma realidade. Quando Deus escolhe alguém, é para os outros: o consagrado é alguém que é enviado ao serviço do projeto de Deus com a força de Deus. O próprio Jesus estava bem consciente disso. Consagrado e enviado para trazer a salvação de Deus, Ele encontrava-se totalmente a serviço do seu Pai, na adoração, no amor e no abandono de si mesmo e totalmente dedicado à obra de seu Pai, isto é, à salvação do mundo. **A doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa, Características, nº 23. Ver Osservatore Romano, 14.08.1983, página 5.**

CAROS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DO BRASIL

*Esta saudação foi feita aos Superiores Maiores,
às 10 horas, do dia 22 de julho
de 1983, durante a XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB.*

Dom Carlo Furno

Núncio Apostólico no Brasil

E com grande satisfação que me vejo entre os Religiosos do Brasil reunidos em sua XIII Assembléia Geral Ordinária. De modo especial regozijo-me por poder participar, pela primeira vez, de um encontro destes como representante de S. Santidade o Papa João Paulo II. Que as luzes do Espírito se derramem sobre vós, fazendo-os perceber os desígnios de Deus sobre a Vida Religiosa no Brasil em momento de tantas responsabilidades!

Nesta hora solene cabe-me abrir as sessões de estudo do vosso Congresso. Creio que não o poderia fazer melhor do que colocando ante os vossos olhos alguns grandes referenciais que a Teologia da Vida Religiosa nos inspira, especialmente através dos mais recentes documentos da Santa Sé. Tais elementos estruturais poderão servir-vos de guia diante das complexas questões a que eventualmente vos levarão os vossos estudos. Julgo, pois, oportuno abordar, ainda que sumariamente, três pontos capitais: 1) Fé e consagração a Deus; 2) Oração e trabalho; 3) Comunhão com a Igreja e com Pedro.

1. Fé e consagração a Deus

A Vida Religiosa é, em poucas palavras, a vivência plena do Batismo, que configura o cristão à morte e à ressurreição de Cristo, fazendo-o Santo (Cf. 1Cor. 1,2; 2Cor. 1,1; Fl 1,1). É pois, por excelência consagração a Deus mediante os três votos clássicos que corroboram o compromisso batismal.

Ora, compreendemos que tal tipo de vida só pode ser entendido, abraçado e sustentado com olhar de fé muito nítida. Só a fé explica que alguém deixe pai, mãe e haveres para seguir o Cristo, que não tinha onde repousar a cabeça (cf. Lc 9,57-62). Mas, se em toda vida cristã há sempre algo de escândalo e loucura, como notava São Paulo (1Cor 1,23), na vida Religiosa o escândalo e a loucura da cruz pascal de Cristo não poderão faltar. A Vida Religiosa, fielmente vivida é, sem dúvida, expressão de suma sabedoria, mas sabedoria que procede de Deus. Podemos compará-la ao tesouro oculto num campo que alguém, ao escavar, descobre; ciente do valor do achado, vende

com alegria tudo o que tem, para possuir aquele campo com seu tesouro; parece cometer um desatino, desfazendo-se das suas riquezas para adquirir algo de vil, mas na verdade ele sabe que esse desatino é sumamente válido; sabê-lo-ão igualmente aqueles que partilharem a mesma intuição.

Em nossos dias, a Vida Religiosa tem sido analisada com recursos das ciências humanas (psicologia, sociologia, pedagogia...), que certamente muito enriquecem o conhecimento da mesma, desvendando-nos facetas diversas do comportamento humano sob a ação da graça. Todavia estamos conscientes de que a perspectiva meramente humana e científica nunca deverá prevalecer sobre a intuição da fé, única capaz de justificar e elucidar o porquê e o para quê da Vida Religiosa. Nunca os critérios humanos deverão remover a imagem da cruz que especifica a seqüência religiosa do Cristo. Sabemos que a onda de secularização e dessacralização crescentes tem ameaçado seriamente a identidade da Vida Religiosa e, conseqüentemente, a sua subsistência; sim, quem perde a sua identidade se torna irrisório aos olhos da sociedade e se destrói; uma Vida Religiosa que esqueça suas notas típicas inspiradas pelos critérios da fé, para se reduzir ao convívio de honestos profissionais ou técnicos, condena-se **ipso facto** ao definhamento e à extinção. A persistência e a prosperidade da Vida Religiosa estão indissolúvelmente associadas à fidelidade aos ditames da fé, com tudo que ela tenha de exigências radicais, sem o que a Vida Religiosa se descaracteriza e se torna inepta a atrair

vocações; quem procura uma sociedade para nela se comprometer, só o faz se tal sociedade tem a coragem de sustentar concretamente a sua definição e as suas notas específicas; ninguém ingressa em algo amorfo ou indefinido, algo que não tenha ânimo de ser o que deve ser.

Eis por que, meus caros Religiosos, não posso deixar de vos lembrar muito enfaticamente o valor vital da fé como luzeiro de todas as vossas deliberações e decisões, fé que se opõe ao secularismo e à dessacralização.

A propósito apraz-me citar as palavras do Santo Padre João Paulo II dirigidas aos Religiosos em São Paulo aos 3 de julho de 1980:

“Gostaria de assinalar a originalidade da presença do religioso no mundo: uma física, direta, material, outra invisível e espiritual, mas nem por isso menos real. Os leigos, para assegurarem sua vocação de presença física ao mundo, têm necessidade da forte seiva que lhes vem justamente da presença espiritual dos religiosos e sentiriam falta dela se, pela embriaguez do “mergulho no mundo”, os religiosos acabassem por negar à Igreja a contribuição daquilo que lhes é próprio. Não é um convite à alienação: é antes um convite a pensar que na Igreja, segundo o conceito de São Paulo, continua a ser importante a nítida diferença (e não confusão!) e a valiosa complementariedade (e não isolamento!) dos carismas e vocações. Não será jamais fecunda a longo alcance (mas o será mesmo numa linha de imediatismo?) uma presença de religiosos nos combates temporais se é a preço

dos valores essenciais, mesmo os mais humildes, da vida religiosa.”

A menção da fé nos sugere agora a da oração.

2. Oração

A fé como adesão a Deus que nos comunica sua Palavra e sua vida, suscita em nós uma atitude básica: a da oração. Já se tem dito com razão que a prece é a respiração da nossa vida espiritual. Ela o há de ser com particular propósito numa vida totalmente consagrada a Deus através dos votos religiosos.

Ninguém ignora quanto a conjuntura eclesial de nossos dias é exigente em tarefas sempre mais numerosas e especializadas. Têm-se multiplicado os apelos aos Religiosos para que assumam novos afazeres, mas não se tem multiplicado à altura o pessoal apto a tais empreendimentos. Daí a sobrecarga de tarefas que não raro pesa sobre os Religiosos. Esta situação pode levar a sacrificar até mesmo a oração ao desempenho do trabalho. Sabemos quão negativas são as conseqüências de tal estado de coisas: sem a oração perde-se facilmente o sabor dos valores transcendentais; o próprio Religioso começa a questionar a sua identidade e entra em crise; muitos chegaram finalmente a optar por um estado de vida mais definido no século.

Consciente de tais males, a Sagrada Congregação para os Religiosos publicou a 12 de agosto de 1980, dois importantes documentos respectivamente sobre a Vida e a Missão dos Religiosos e sobre a Ação e Contemplação. Nessas duas exposições,

uma dirigida aos Religiosos de vida apostólica e outra aos contemplativos, a Santa Sé procurou recordar o primado da oração e a necessidade de se reservar sempre um lugar con-digno para a prece no horário de cada Religioso.

Aliás, o Santo Padre João Paulo II tem repetidamente incutido tal Doutrina. Permito-me citar a alocução às Religiosas em São Paulo, donde extraio os seguintes dizeres:

“Vós sabeis que, para manter bem nítida a percepção do valor da vida consagrada, é necessária uma profunda visão da fé, apoiando a vossa generosidade e iluminando o vosso contínuo aperfeiçoamento na caridade. E para isto é preciso o diálogo com Deus na oração. Sem a oração, a vida religiosa perde o seu significado e não alcança os seus objetivos. Importa orar sempre para vivificar o dom de Deus.

“Quanto a isto, foi o mesmo Senhor que nos preveniu. Para nos inculcar bem esta verdade, ele usou duas imagens expressivas: “Eu sou a videira e vós sois os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo, 15,5). E outra vez, depois de dizer que aqueles que O seguem hão de ser o “sal da terra”, Ele concluía: “O sal é uma coisa boa; mas se ele perde o sabor... não servirá sequer para a adubo, mas lança-se fora” (Lc 14,35). Nós sabemos que o melhor de nós mesmos, o gosto de Deus, que devemos difundir na suavidade do testemunho da caridade, passa por Cristo e é discreta e continuamente revigorado em nós pela presença e ação do Espírito Santo,

solicitada e secundada conscientemente na oração sem desfalecimento, sob todas as suas formas; individual, comunitária e litúrgica. Isto é muito importante, para sermos eficazes 'sinal' de Deus."

Dizia ainda o Santo Padre numa audiência aos Superiores Maiores reunidos em Roma aos 24 de novembro de 1978:

"Permite-me voltar a um ponto que considero fundamental na vida de todos Religiosos, qualquer que seja a família a que pertença: desejo falar da dimensão contemplativa, do dever da oração. O Religioso é um homem consagrado a Deus pelo Cristo no amor do Espírito. Este é um elemento ontológico, do qual devemos estar bem conscientes e que deve orientar a vida para o bem não apenas de cada pessoa, mas da comunidade inteira. Permite às almas consagradas experimentar e saborear de modo muito particular a presença vivificante do Divino Esposo".

A nossa oração, como compreendemos é vivida na Igreja e com a Igreja. Daí a nova proposição que vos apresento:

3. Comunhão com a Igreja e o Papa

A Vida Religiosa é um Dom do Senhor à sua Igreja. Ela exprime o âmago da vida eclesial, que é a vida no Espírito movida pelas bem-aventuranças evangélicas e pelos carismas. Por isto dizia muito a propósito o Santo Padre João Paulo II às Religiosas de Paris em 31 de maio de 1980:

"A Vida Realigiosa não é propriedade vossa, como não é propriedade de um Instituto. Ela é um Dom Divino que a Igreja recebeu do Senhor e que, pela graça, Ela conserva fielmente (Lumen Gentium n.º 43). Em suma, a Vida Religiosa é uma herança, uma realidade vivida na Igreja há séculos, por uma multidão de homens e de mulheres. E a experiência profunda que eles fizeram da Vida Religiosa, transcende as diferenças sócio-culturais que podem existir de um país a outro; ultrapassa também as descrições que dela deixaram, e situa-se para além da diversidade das realizações e das pesquisas de hoje. Importa respeitar e amar esse rico patrimônio espiritual. Importa escutar e imitar aqueles e aquelas que do melhor modo encarnaram o ideal da perfeição evangélica".

Eis por que os Religiosos hão de primar por sua fidelidade à Igreja. As famílias religiosas constituem o celeiro onde se conservam incólumes as forças vitais de que mais necessita a Igreja ao atravessar as borrascas dos tempos. Ora ainda hoje a Igreja conta com os Religiosos, com a sua perspicácia, a sua dedicação e a sua fidelidade para enfrentar os não poucos problemas contemporâneos. A coesão das famílias religiosas com o povo de Deus, com os pastores diocesanos e com o sucessor de Pedro será penhor da bênção de Deus sobre os trabalhos espinhosos que nos são impostos pelos tempos atuais.

Oportunamente dizia o Santo Padre aos Superiores Religiosos em 14 de novembro de 1979:

“Seja o vosso primeiro testemunho o de uma adesão filial e de uma fidelidade incondicional à Igreja, Esposa de Cristo. Este vínculo com a Igreja há de se manifestar no espírito de cada Instituto e em suas tarefas apostólicas, pois a fidelidade a Cristo jamais pode ser separada da fidelidade à Igreja. Vossa generosa e fervida adesão ao autêntico magistério da Igreja é uma garantia para a fecundidade de cada uma das vossas tarefas apostólicas e para a exatidão da vossa interpretação dos sinais dos tempos”.

Em outra ocasião o Santo Padre dizia:

“A imitação de Maria Virgem, cujo coração estava sempre disponível à Palavra de Deus, deveis encontrar vossa serenidade interior e vossa alegria na disponibilidade para a palavra da Igreja e daquele que Cristo instituiu como seu Vigário na Terra”.

Prezados Religiosos, são estas algumas poucas reflexões que desejo confiar às vossas mentes, a fim de que a Vida Religiosa seja sempre o que Deus e os homens dela podem esperar. Sois uma porção escolhida dentro da Igreja Santa, porção sem a qual a Igreja não estaria completa em seus frutos; o vosso vigor espiritual redundará em novo ânimo para todo o povo de Deus, como também um eventual declínio ou uma diluição do vosso ideal acarretaria detrimento para todo o corpo Místico de Cristo. Para vós olham neste momento com especial interesse o Santo Padre e os Bispos do Brasil, certos de que reafirmareis a vossa posição e a vossa missão na Igreja de nossos dias.

E para que isto realmente aconteça, tenho o prazer de vos transmitir a Bênção Apostólica de Sua Santidade, penhor de copiosas luzes e graças.

A missão é uma responsabilidade comunitária

Quaisquer que sejam as obras através das quais a Palavra é transmitida, a missão é empreendida como uma responsabilidade comunitária. É o Instituto todo inteiro, ao qual a Igreja delega esta parte da missão de Cristo, que a caracteriza e realiza nas obras diretamente inspiradas pelo carisma do fundador. Esta colaboração na missão não significa que todos os membros do Instituto fazem a mesma coisa nem que os dons e as qualidades de cada um não são respeitados. Isto significa que tudo o que faz cada um dos membros está em relação direta com o apostolado comum, reconhecido pela Igreja como sendo a expressão concreta da finalidade do Instituto. **A doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa, Características, nº 25.** Ver Osservatore Romano, 14.08.1983, página 5.

PANORAMA ATUAL

DA IGREJA DO BRASIL

*Esta conferência foi feita para os Superiores Maiores,
às 16 horas do dia 23 de julho
de 1983, durante a XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB.*

Dom Ivo Lorscheiter

Presidente da CNBB

Prezados Irmãos,

O Santo Padre, o Papa João Paulo II, falando aos bispos brasileiros em Fortaleza, em julho de 1980, nos disse entre outras frases a seguinte: "Sede mais irmãos dos religiosos que se encontram no coração da Igreja". Eu interpreto esta frase do Papa assim: que nós, bispos, devemos ser não só pais e chefes dos religiosos, mas também irmãos. Irmãos na simplicidade, irmãos na igualdade, irmãos na proximidade. Então, queridos Irmãos e Irmãs, eu peço que recebam a minha presença aqui agora, como bispo de Santa Maria e eventualmente também como Presidente do Episcopado Brasileiro, nesta perspectiva. Queremos ser uma presença de Irmão junto aos religiosos do Brasil. Por isso, é com verdadeira emoção que saúdo esta que é certamente a mais qualificada e a mais representativa Assembléia dos Religiosos em nossa terra. Devo também unir a esta palavra de saudação uma expressão de profundo agradecimento. Agradecimento pela

presença, pela vida e pela ação dos religiosos em nossa terra. Evidentemente, o Brasil seria diferente, a Igreja do Brasil não seria esta que é agora, a Pastoral seria muito mais pobre sem a vida, sem a presença e a atuação dos religiosos das diversas Ordens e Congregações, no meio de nós. Por isso, este momento é também, para mim, um momento de louvor a Deus, exaltar a Sua Providência e homenagear a todos quantos aqui se encontram, augurando os melhores êxitos a esta importante Assembléia da CRB.

O Santo Padre, naquela sua visita ao Brasil, disse também uma outra frase valiosa, desta vez às religiosas em S. Paulo: "Pela vossa disponibilidade sempre pronta, sois uma ponta-de-lança para as urgências missionárias."

Queridos Irmãos e Irmãs, esta frase dentro de toda a pregação dele aqui no Brasil, creio que é uma imensa valorização e também um imenso desafio para os religiosos. "Vós de-

veis ser uma ponta-de-lança para as urgências que existem no Brasil". "Uma ponta-de-lança" — quer dizer que os religiosos devem avançar, devem ser os pioneiros, devem abrir caminhos e picadas, devem chegar antes dos outros, não devem esperar por ninguém, nem pela hierarquia ou pelo episcopado. Ser "ponta-de-lança"!

O Cardeal Pirônio — é muito dele aquele documento, "*Mutuae relationes*", que aqui será estudado a seu tempo — afirma num estilo mais fino, a mesma coisa. Diz que o carisma religioso, por sua natureza — que é a natureza do Espírito que o suscita na Igreja — é sempre inovador. O Espírito renova sempre a face da terra, por isso o carisma religioso é criativo. É suscitado pelo Espírito exatamente para atender àqueles vazios que existem na Igreja. Não se tolera, não se chama carisma religioso alguma intenção que não traga nada de novo, que não se dirija a encher um vazio que estava sendo verificado no Corpo do Senhor. E, por isso, "*Mutuae relationes*" acrescenta que o carisma religioso será quase sempre incômodo. Ele incomoda ao próprio religioso, incomoda ao próprio corpo da Igreja onde quer mexer, quer suscitar, quer despertar energias e avanços legítimos.

Queridos Irmãos e Irmãs, os religiosos do Brasil, graças a Deus, têm mostrado esse espírito de avanço, de pioneirismo. Quero pedir que eles sejam cada vez mais "pontas-de-lança". Por favor, ninguém morra de prudências... A prudência é uma virtude importantíssima, mas tantas vezes ela é mal-entendida. Eu já fa-

lei, em outra ocasião, do elogio que alguém recebeu: "Era tão prudente que nunca fez um erro na sua vida". Mas toda a sua vida se converteu assim num grande e único erro. É melhor errar um pouco avançando do que errar ficando sentado em casa.

Na manhã da Páscoa, dois apóstolos — João e Pedro — corriam para o túmulo. Os dois procuravam correr. Pedro também corria, mas João corria mais que ele, diz a Bíblia. Acho que nós temos o dever de correr um pouco mais que o Papa, um pouco mais que os bispos. Acho até que o fato de João ter corrido um pouco mais depressa deu ânimo a Pedro para não se atrasar demais. Isto é leitura da Bíblia, Irmãos e Irmãs! Por outro lado, João, junto ao túmulo do Senhor, soube entender qual era o seu papel e deixou que chegasse Pedro. Pedro entrou, tomou nota, tomou providências cabíveis. Quer dizer: correr na frente não significa que nós esqueçamos o sentido da hierarquia, o sentido daqueles que na Igreja têm um papel insubstituível.

A Igreja do Brasil pôde avançar, está podendo avançar, exatamente porque os religiosos estão atuando. Eles têm cada vez mais, creio, a lucrar, à medida que assim interpretam o carisma religioso. Os carismas na Igreja são diversificados. O carisma do bispo, da hierarquia é principalmente de coordenar, de manter a grande unidade. Por isso, o bispo não pode, mesmo que ele quisesse, ser sempre um grande inovador. Ele deve somar toda a Igreja, todo o corpo eclesial. Mas o carisma religio-

so é exatamente esse de renovar a face da terra e para isto o Espírito derrama os seus dons. Na medida em que nós formos assim, como religiosos, abertos a este avanço, sem timidez demais, também asseguraremos nossa vitalidade. Vitalidade dos Institutos e assim também a vitalidade da própria Igreja.

Sempre foi perigoso para a Igreja sentar-se, instalar-se, acomodar-se. O mandamento do Senhor tinha sido bastante claro antes de subir ao céu: "Ide por todo o mundo, marcai presença junto a todos os homens, pregai a todos a salvação". O Espírito Santo deu esta coragem vital aos apóstolos e primeiros discípulos que começaram com todo esse trabalho. Mas chama-nos a atenção como tão depressa, mesmo já em Jerusalém, houve uma tentação de todos a se acomodaarem demasiadamente. E a Igreja se organizou muito em Jerusalém, mas deixou de avançar como dela se queria. A Providência de Deus, então (é bom ler os Atos dos Apóstolos, capítulos 8 e 11), achou por bem mandar uma grande perseguição e, em virtude dessa perseguição, os discípulos se dispersaram e começaram a trilhar os caminhos verdadeiramente missionários. Chegaram a Antioquia alguns deles e aí organizaram uma Igreja muito florescente, quase perfeita em termos de organização. Lá é que os discípulos se chamaram pela primeira vez "cristãos". O capítulo 13 dos Atos dos Apóstolos diz que ali havia todos os serviços bem organizados: noviciado, juniorato, postulado, as profissões, todas as prefeituras, tudo o que se quer numa Congregação bem organizada, numa Igreja.

Parecia que assim era o ideal. E surge de novo o perigo de esta Igreja de Antioquia ficar muito cômoda, muito voltada para si mesma. Então, o Espírito Santo se apresenta e diz: "Separai-me os dois melhores, eles são necessários para a obra da expansão do Reino. Separai Paulo e Barnabé." Um era vice-geral, outro era mestre de noviços, e os dois tiveram que ser separados daquela comunidade para empreender a viagem de difusão do Evangelho em todo o Império Romano.

Poderíamos agora, muito brevemente, falar alguma coisa sobre o que está no título desta palestra:

"Panorama atual da Igreja no Brasil".

Nos próximos dias ou semanas deverá aparecer mais um volume daqueles livrinhos azuis — documentos — da CNBB. Todos sabem que são muito importantes. Este que deve sair agora traz as **"Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil"**, em sua nova formulação para o atual quadriênio. A última Assembléia dos bispos deu os elementos para as diretrizes que já estão redigidas e deverão chegar às mãos de todos. Este será propriamente o nosso ponto de referência para nos situarmos na Pastoral de Conjunto de nossa terra. Diretrizes Gerais, portanto, também para os religiosos, para todos. Queremos nos conformar com a caminhada da Igreja, inclusive no espírito pioneiro, de acordo com o nosso carisma. Esse conjunto de diretrizes é também a melhor maneira de nos atualizarmos, de nos por-mos numa visão comum e de consenso sobre o panorama da Igreja em nossa terra hoje, pois contém dados

sobre a problemática atual do povo brasileiro e da Igreja no Brasil.

Essas diretrizes, primeiramente, explicitam e explanam o **objetivo geral** para os próximos quatro anos. Foi votado pelos bispos em Itaici e tem esta formulação: "Evangelizar o povo brasileiro em processo de transformação sócio-econômica e cultural, a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, à luz da opção preferencial pelos pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando a construção de uma sociedade justa e fraterna, anunciando assim o Reino definitivo". Isto, explanado com dados, conteúdos teológicos e propostas práticas, é a primeira e principal parte das Diretrizes da nossa caminhada pastoral. Numa segunda parte, essas idéias pastorais são aplicadas às chamadas **seis linhas** ou **dimensões pastorais** que já conhecemos, e não preciso aqui repetir. Numa terceira parte, encontramos alguns **destaques** que não substituem o objetivo geral nem as **seis linhas**, mas querem, por assim dizer, marcar uma presença especial de mais urgência missionária nesse objetivo e nessas seis linhas. Os bispos votaram seis destaques que merecem a nossa atenção porque são pontos de referência, desafios maiores que existem hoje aqui em nossa Igreja. Os seis destaques são os seguintes:

1.º) **Jovens** — Puebla votou duas prioridades: opção pelos pobres e opção pelos jovens. Parece — pelo menos os bispos tiveram a impressão — que o assunto "jovens" não foi por nós ainda atendido, abordado, de maneira suficiente.

2.º) **Comunidades Eclesiais de Base** — Assunto agora, creio, suficientemente motivado e falado. Mas queremos que continue como um destaque em todo esse objetivo pastoral.

3.º) **Vocações e Ministérios** — Estamos no Ano Vocacional em nossa terra, para dizer o quanto este assunto é não só promissor, mas também o quanto ele é desafiador para toda a pastoral, tendo em vista as vocações aos diversos ministérios.

4.º) **Família** — O assunto Família, apesar de haver sido tratado no Sínodo realizado há três anos atrás, ainda é um assunto que nos deve preocupar muito.

5.º) **Leigos** — Mesmo sabendo que os leigos já se encontram na família e entre os jovens, os bispos quiseram dar relevo ao assunto "leigos" como tal. Parece que nós, no Brasil e na América Latina, não temos sempre conseguido atender suficientemente ao específico do leigo como leigo, a seu carisma de marcar presença na chamada ordem temporal ou secular.

6.º) **Mundo do Trabalho** — Todo esse complexo mundo sócio-econômico-político do trabalho.

Creio que só a enumeração desses destaques já nos coloca uma série de desafios e interpelações. E isto, certamente, nos motiva a cada vez mais nos situar dentro do panorama pastoral em que nós vivemos em nossa terra.

Agora, resumindo um pouco e dando outra coordenação a toda essa matéria, quero dizer como nós gostaríamos de ver a presença e a atua-

ção da Igreja em nosso Brasil, hoje. Repito: como gostaríamos de ver essa Igreja. É portanto muito mais um ideal, meta forte que todos vamos perseguir, mas é também já uma certa realidade, pelo menos iniciada. Não é um puro ideal, não é uma pura meta longínqua. Creio que essas características que nós gostaríamos de ver na nossa Igreja, de alguma forma já se manifestam na Igreja do nosso País. Isso nos deve alegrar. Queremos, cada vez mais, nos unir e prosseguir por estas trilhas. A lista é um pouquinho longa mas a explanação vai ser rápida. Descobri sete características da nossa Igreja, que resultam de todos esses textos aos quais agora me referi. Seria, portanto, uma tentativa de um **panorama pastoral no Brasil** dos nossos dias.

Gostaríamos de ser, prioritariamente, uma **Igreja evangelizadora**. Sempre quando digo "gostaríamos de ser", eu reafirmo que há o ideal, a meta, mas que já também está sendo pelo menos o início de uma bonita realidade. Vamos ser uma Igreja prioritariamente evangelizadora. A fé deve ser o fundamento de todo o caminhar da pessoa, das comunidades. Portanto, anunciar a fé, educar a fé, consolidar a fé, buscar a salvação pela fé é, na verdade, a prioritária tarefa da Igreja e, portanto, de todos nós na Igreja, de todas as Instituições na Igreja. Por isso, também, todas as nossas organizações, as nossas obras, têm validade enquanto se preocupam conscientemente e insistentemente com esta dimensão evangelizadora. Os hospitais **t e r ã o** validade enquanto também lá se evangeliza. Assim, as

escolas e todas as nossas obras e iniciativas.

Puebla tratou exatamente de estudar a evangelização na América Latina. Fato significativo, pois a América Latina é o único Continente católico desse planeta. Não há outro Continente católico. No Brasil, os bispos acharam que se deveria reafirmar, como primeira palavra do objetivo geral, "**evangelizar**", entender o que é a fé e realmente nos debruçar sobre isso.

Permitam que eu valorize aqui o texto já publicado pela CNBB, sobre a Catequese Renovada no Brasil hoje, o ponto final de um longo processo. Agora já está também à disposição nessa coleção azul, n.º 26 e testemunha como a catequese, a educação da fé, é um assunto realmente prioritário para nós. É claro, não vou agora dizer o que é evangelização. Puebla tentou dizê-lo. Esse texto que a catequese retoma é extremamente importante. Vamos ver, além dos métodos de catequese, quais são os conteúdos básicos da catequese hoje no Brasil. Com alegria, quero dizer que chegou da Santa Sé, da Sagrada Congregação para o Clero e catequese, uma carta extremamente elogiosa a esse texto, de modo que se alguém ainda tivesse dúvida sobre a sua ortodoxia poderia repousar agora diante desta carta da Santa Sé. E eu lhes digo: o problema nos toca muito também por causa dos conteúdos que ali se colocam para a evangelização hoje, no contexto brasileiro.

Em segundo lugar, gostaríamos que nossa Igreja fosse cada vez mais uma **Igreja profética**. Profetismo é aquela atitude de quem, em nome de

Deus, questiona as situações concretas do mundo ambiente. Portanto, o profetismo significa confrontar com o plano de Deus, com os critérios de Deus, a situação concreta no meio da qual nós vivemos e caminhamos. Esse foi o papel dos Profetas, esse deve ser o papel da Igreja para ser profética também nos nossos tempos e no nosso ambiente. Portanto, confrontar com o plano de Deus a realidade concreta em que nós estamos — a moral individual, a moral coletiva, a moral política, a moral econômica, cultural, social, enfim, toda essa realidade questionada, confrontada com o plano de Deus. Por isso, o profetismo é sempre incômodo. O profetismo vai exigir muita independência de situações, de ambiente, de poderes deste mundo. O profetismo, muitíssimas vezes, vai gerar perseguições para a Igreja ou pessoas que vivem nesta opção. Tudo isso nós também enxergamos na América Latina e na Igreja do Brasil hoje.

Em terceiro lugar, nós gostaríamos de ser uma **Igreja transformadora**. Não uma Igreja que tenha modelos políticos ou econômicos a propor, mas uma Igreja que, como verdadeiro e forte fermento, vai contribuir para a legítima transformação dos nossos esquemas de vida. Transformação de conjunturas, transformação de estruturas, transformação dos corações, transformação de critérios. Creio, Irmãos e Irmãs, que também neste sentido estamos diante de desafios muito grandes. Todos nos damos conta muito concretamente como no Brasil, hoje, há choque de sistemas e ideologias das quais, aliás, Puebla já falava com toda clareza, sistemas que pretendem dominar a

América Latina e Brasil e não respondem aos anseios do homem, por isso também não correspondem ao plano de Deus e deveriam ser transformados. Nós estamos sempre nessa polaridade: marxismo — é claro que não serve ao homem nem a Deus — e capitalismo — também não serve ao homem nem a Deus. Nós deveríamos, cada vez mais, aprofundar a verdadeira e inovadora posição do Evangelho e do Cristianismo.

Parece que a situação atual do Brasil e do mundo torna até mais fácil o esforço sobre essa matéria concreta. Escutei recentemente uma frase do conhecido Pe. Fernando de Bastos Ávila, jesuíta aqui do Rio, sociólogo. Expondo sobre essa matéria ele dizia: “Tenho a impressão de que Deus está trazendo águas para o nosso moinho.” E explicava: “aquilo que a doutrina social da Igreja Católica já afirmava e não era assim entendido, isso na verdade agora parece se confirmar dramaticamente, até poderíamos dizer, tragicamente, nos eventos que envolvem todo o mundo. Sistemas comunistas, fracasso total; sistemas capitalistas, fracasso total também. Hoje, todo mundo preocupado com os milhões de dólares... Então são águas espalhadas no nosso moinho, isto é, creio que deveríamos refletir um pouco mais se os corações dos homens não podem se abrir, talvez, diante desses eventos e dessas dificuldades muito graves, para entender de uma vez que os caminhos que a sociedade devia trilhar são outros”.

Igreja não há de propor modelos ou sistemas, mas há de defender os postulados para que tudo isso se construa melhor. Isso supõe um

pouco mais de estudo, a que nem todos estamos atentos. São linguagens difíceis. Certos convencidos do mundo gostam de dizer que nós falamos nesse ponto como ingênuos, desinformados. Oxalá isso não seja sempre uma fumaça para não admitir uma crítica e uma proposta mais sadia. Ser transformadores é, portanto, uma das características que a Igreja deveria assumir com toda alegria e com toda coragem.

Em quarto lugar, nós queríamos ser uma **Igreja missionária**. Puebla nos ajudou muito ao definir concretamente como seria essa Igreja missionária. Significa, atender melhor e mais corajosamente às **situações missionárias, às regiões missionárias** e também abrir-se “**ad gentes**”, isto é, a outros povos e outras regiões do mundo. Aqui entra novamente aquela idéia de uma Igreja que deve estar sempre a caminho, nunca se assentar com demasiado conforto.

Situações missionárias — Os religiosos são de novo desafiados, em virtude do seu carisma inovador, a atender primeiro às situações missionárias, situações que nós conhecemos e que não vão ser exatamente as mesmas em cada região do País. Seria, por exemplo, a juventude, ou o mundo do trabalho, situações que vão ter nuances segundo o caminhar do tempo, segundo as circunstâncias em que nós vivemos.

Regiões missionárias — Uma das mais belas realidades destes últimos tempos na Igreja do Brasil é exatamente esse caminhar dos religiosos para as regiões que por muitos motivos podem ser chamadas “missionárias” em nossa terra. Nem sempre

temos presente as estatísticas para maior alegria. Mas quantos religiosos do centro-sul estão na Amazônia, no Nordeste, no extremo-oeste! Que esse processo então continue. Creio que as próprias Congregações e Ordens poderiam dizer que isso não tem sido sacrifício só, não tem sido depauperamento mas, pelo contrário, fecundíssimo enriquecimento. A Igreja missionária, o Instituto missionário sempre se enriquece, se fortalece, assegura a sua vitalidade.

“**Ad Gentes**” — Puebla diz: está na hora, chegou a hora de o nosso Continente — o único Continente católico deste planeta — voltar-se também “**ad gentes**”, isto é, para outros Continentes do mundo, para outros povos. Também isso é uma realidade no Brasil e, de novo, graças especialmente aos religiosos. Temos várias centenas de religiosos do Brasil em outras partes do mundo. Não é o caso agora de repetir essas estatísticas, mas certamente é uma dessas belíssimas realidades com que Deus nos quer alegrar. E Puebla diz que se tivermos dúvidas sobre nossas condições para dar “**ad gentes**”, então que nos disponhamos pelo menos a dar de nossa pobreza. Frase de Puebla: “Pelo menos demos de nossa pobreza”. Sabemos que é a dádiva mais bela e mais grata ao Senhor: dar da nossa pobreza.

Em quinto lugar, gostaríamos de ser uma **Igreja pobre**. Eu teria coragem de dizer: a **Igreja dos pobres**, embora, talvez, outros tenham escrúpulos por esta frase. A opção preferencial pelos pobres que Medellín reafirmou e Puebla afirmou mais uma vez, que está tão no Coração do Cristo e que deveria estar também

no mais profundo da consciência da Igreja, essa opção preferencial pelos pobres deve, na verdade, continuar a nos perseguir.

Irmãos e Irmãs, que não aconteça que cheguemos ao ponto de declarar que estamos cansados de ouvir esta frase. Sei que isto já aconteceu num lugar muito sério, muito seleto, com gente muito importante da Igreja. Alguém se levantou e disse: "cansado de ouvir sempre de novo 'opção pelos pobres' ". Ele falava a religiosas. E chegou a pedir a Deus que comece a suscitar Congregações novas que se disponham a cuidar dos ricos. Irmãos, não vamos nos sentir cansados deste refrão, embora a palavra canse, incomode e perturbe aqui ou acolá.

Já temos agora condições suficientes para entender bem o que significa e o que não significa a opção pelos pobres. Opção pelos pobres que nada tira da universalidade da missão da Igreja. Quem é missionário é universal. Nós queremos levar a salvação a todos. Esta é a nossa ansiedade. Ninguém se deveria perder. Todos deveriam ser atingidos pelo amor de Deus, pela graça da fé. Dentro desta dimensão missionária, é preciso e é possível unir a preocupação universal — que também atinge os ricos, é claro — com a opção preferencial pelos pobres, por aqueles que não têm vez, não têm voz, por aqueles que não têm a força de que outros dispõem no mundo atual.

Nessa perspectiva, a Igreja do Brasil procura ser pobre. Não tenhamos medo de ser pobres. Ser e parecer. Em geral, o povo não acredita muito que um bispo seja pobre.

Vive tão tranqüilo, tem tudo, não é? Também o povo não acredita tão facilmente que os religiosos sejam pobres. O que vamos fazer? Perguntar a nós mesmos por que não acreditam ainda na pobreza do bispo, na pobreza do religioso!

A opção pelos pobres significa também **solidariedade**. O Cardeal Pi-rônio pregou, há alguns anos atrás, um Retiro para nós em Itaici, sobre a pobreza dos bispos. E uma de suas insistências foi exatamente nesta solidariedade, isto é, ter tempo para o pobre. Não posso dizer: "dou assistência ao pobre, mas não tenho tempo para ele. Ele fala mal, ele repete..." Solidariedade, com todas as suas conseqüências. Por isso, também trabalhar e fazer com os pobres e não só para eles. Fazer com eles para que na verdade se promovam, sejam libertados.

Queremos também atuar junto aos ricos, mas sempre **na ótica dos pobres**, isto é, vou pregar também aos ricos o Reino de Deus mas na ótica da miséria dos pobres, tão numerosos, para que os ricos também se ponham nesta perspectiva e nesta interrogação.

Finalmente, a opção preferencial pelos pobres me obriga a conhecer melhor os mecanismos geradores dessa situação de pobreza. Volta todo aquele problema do poder, dos sistemas, das estruturas. Eu devo conhecer mais para não ser ingênuo, para entender por que isso é assim. E não é só por falta de boa vontade de um ou outro. A Igreja do Brasil deve continuar e vai continuar a proclamar esta sua opção. E isso nos deveria unir cada vez mais e nunca nos separar.

Tenho para mim uma pequena oração que se alguém quiser repetir pode dizer com mais autenticidade do que eu, até com palavras mais bonitas. O sentido é o seguinte: "Eu vos peço, Senhor, que aos ricos e sobre os ricos eu nunca use palavras mais duras do que aquelas que Vós usastes no Evangelho. Mas também que eu não abrande a mensagem que sobre este assunto Vós deixastes no Evangelho." Talvez até nos surpreendamos ao ver que palavras Cristo usou. Eu não quero ser mais duro que Ele, mas também não tenho o direito de ser omissos ou mais brandos do que Ele.

Em sexto lugar, Irmãos, nós quereríamos e devemos ser uma **Igreja unida**, que vive em comunhão. No ano passado, a convite dos bispos franceses, pude estar uns dias lá na França e me impressionei com uma pergunta que bispos, padres, religiosos e leigos muito informados me faziam nestes termos: "Como é que os Srs., no Brasil, conseguiram o milagre da união da Igreja e da comunhão da Igreja?" Eu até me surpreendi, à primeira vista, e disse: "Será que a comunhão e união da Igreja do Brasil é já tão bela como a de vocês aqui na França? Vocês, exigentes e inteligentes como são, vocês acham que ela existe no Brasil"? — "Temos esta impressão e esta alegria — disseram eles — e ficamos com inveja." Fica para nós esta interpelação que nos vem de fora.

A unidade, a união da Igreja é algo que devemos construir com toda a ansiedade e com toda a esperança. Sabemos o que ela é. Não é uniformidade, mas a vitalidade de cada carisma na Igreja. É completa-

mentariedade. É caminhar em comum e no consenso para os grandes objetivos, as grandes metas. E nós queremos realmente nos empenhar nisso com todo o esforço. Não vamos nos alarmar com os conflitos, as tensões que possa haver. Eu, pessoalmente, não gostaria de divinizar, por assim dizer, de glorificar o conflito como um ideal. Pelo menos, acho que não é esse o ideal da Igreja. Mas vamos sofrer conflitos e não vamos perder a fé e a esperança no meio deles. Que haja alegria e não amarguras nos nossos convívios, mas que haja consenso e trabalho em conjunto. E, nesse espírito, vamos nos alegrar e avançar.

Eu quero aqui dar um testemunho também como homenagem à Diretoria e ao Presidente da CRB que agora terminam o seu mandato. É a respeito da unidade e comunhão dos bispos e religiosos do Brasil. Eu teria coragem de proclamar essa união também diante dos Prefeitos das Sagradas Congregações, em Roma. Certamente esta é uma das maiores bênçãos a maior graça da Igreja do Brasil. A cordialidade que existe no nível nacional, regional, diocesano sem querer fazer comparações odiosas com outras condições, outros países é algo que devemos, de joelhos, agradecer ao nosso Deus. Que esse esforço de comunhão, de unidade continue e se estenda a outros quadros da Igreja.

Sofremos quando real ou aparentemente a unidade se rompe. Como isso desedifica, como isso entristece. Por isso queremos construir a unidade. Sabemos que a união está sendo difícil também no Brasil, hoje por tensões, pelo modo como se encara

a missão da Igreja — mais vertical, mais horizontal. Alguns bispos agora são acusados de serem antropocêntricos, quando os outros seriam cristocêntricos. É o velho ponto das heresias cristológicas, desde o tempo inicial do cristianismo: Cristo mais homem ou mais Deus. É preciso que nós leiamos, quem sabe, a encíclica "Redemptor Hominis", do atual Papa, para entender uma frase que ele diz com toda a simplicidade e vigor: quem quer servir a Cristo — e a Igreja deve fazê-lo — não terá medo de proclamar que o homem é o caminho fundamental da Igreja. **"O homem é o caminho fundamental da Igreja"** — frase perigosamente antropocêntrica. Nós não devemos nos apaixonar em debates que facilmente derivam em condenações. Muitas vezes essas discussões se prendem a adjetivos. Devemos chegar aos grandes substantivos da Revelação: o Cristo, a fé, a salvação, a liberdade, a Igreja. Os adjetivos começam a complicar.

Há tempos, procurei reler a primeira encíclica do Papa Bento XV, aquele grande pequeno Papa — pequeno de estatura física — que tão pouco pareceu poder fazer porque governou a Igreja durante a primeira guerra mundial de 1914. Conta-se que, quando chegou como Papa ao Vaticano, encontrou uma folha de papel, onde se lia: "Cuidado com esse Cardeal Giacomo della Chiesa". Era ele. Como Cardeal de Bolonha, tinha sido um modernista. Então, o novo Papa percebeu que estava fichado como modernista. E aí ele fez a primeira encíclica em que reafirma, é claro, a condenação dos erros graves do modernismo, como havia feito S. Pio X, mas proíbe que

dali para frente, na Igreja católica, um continue atacando o outro porque é modernista ou não. E nós esquecemos os fatos da história! Hoje, se o Papa escrevesse uma encíclica assim, os adjetivos seriam outros, não mais "modernista", mas "progressista", "popular", ou outros adjetivos assim, sempre com essa mesma carga de desconfiança. É claro, o erro do modernismo foi condenado e outros erros merecem ser condenados. Mas vamos nos lembrar da proibição do Papa Bento XV que dizia: "está na hora de acabar com isso, de um irmão querer dar epítetos e qualificativos a outro irmão". Daqui para a frente, dizia o Papa naquela encíclica, seja esta a norma: "christianus nomen, catholicus subnomen". Para nós, na Igreja, vale isto: "cristão é meu nome, católico o meu sobrenome" e nada mais aceito. Vamos fazer este caminhar. Do contrário, nós enterramos quantas iniciativas, quantas alegrias e energias. Todos nós queremos crescer no batismo. Vamos cuidar de não estragar as alegrias do Corpo do Senhor.

E finalmente, Irmãos, a última característica da Igreja do Brasil: essa Igreja que quer ser evangelizadora, profética, transformadora, missionária, pobre e unida deve ser uma Igreja cada vez mais **orante e contemplativa**. Graças a Deus, Puebla pôde dizer para a América Latina que a experiência de Deus, a vida de contemplação e oração aparece como um dos grandes dados da Vida Religiosa no Continente.

Também na Igreja do Brasil, no mundo da juventude, nos movimentos de leigos, nas nossas Comunida-

des de Base cada vez mais se redescobre a oração. Esta é a base profunda e insubstituível de tudo isso que dissemos aqui. A Igreja, para ser autêntica, para ter força, para sobreviver às dificuldades, para não se afogar nas amarguras, nas tensões e polêmicas deve ser uma Igreja orante.

A vida contemplativa no Brasil, graças a Deus, parece que está cada vez mais presente. É verdade que a dimensão contemplativa existe também nos Institutos de vida ativa. Mas queremos trazer um aplauso às comunidades contemplativas de nossa terra. São muitas comunidades femininas. Na vida contemplativa masculina, no entanto, ainda existe um vazio. Mas hoje eu lhes dou uma boa notícia. Por misteriosos caminhos da Providência Divina, no passado mês de maio, o Capítulo Geral da Ordem dos Cartuxos — Capítulo realizado em Grenoble, na Grande Chartreuse — aprovou, contra as expectativas mais otimistas, a Fundação de um Mosteiro cartuxo no Brasil, no Rio Grande do Sul. Se por eventualidade, for na diocese de Santa Maria, isto não são disposições humanas, mas são planos de Deus...

Os Cartuxos são a Ordem mais rigorosa e radical da contemplação. Vivem, na verdade, no completo silêncio, na completa clausura, sem nenhuma atividade pastoral exterior, sem sequer admitir retirantes no seu Mosteiro. É a pura contemplação. Os Cartuxos estão celebrando 900 anos de existência (S. Bruno fundou sua Ordem em 1084). Essa Ordem se dispôs agora a fazer a sua primeira Fundação no Terceiro Mundo. Não sem dúvidas, não sem hesitações. Per-

guntam se este mundo já está maduro para esse tipo de vida, se o Brasil pobre vai compreender um grupo grande de Padres e Irmãos vivendo sem atender o povo, sem rezar Missa para o povo. Desafio também para a Igreja. Essa dimensão contemplativa precisa ser valorizada, precisa ser evangelizada e será, então, melhor entendida. A Igreja só pode lutar, expor-se ao perigo e desafiar os poderes do mundo, na medida em que tiver a dimensão de contemplação.

No mês de setembro os monges querem estar aqui. Querem imediatamente abrir o seu Mosteiro no Brasil. Que isso alegre os religiosos, estimule a dimensão contemplativa que todos nós devemos cultivar e faça da nossa Igreja cada vez mais a Igreja autêntica do Senhor. Creio que os outros desafios, dos quais eu mencionei predominantemente os elementos positivos, serão enfrentados exatamente na medida em que houver esta união com Cristo.

Resumindo, repito uma frase desses mesmos cartuxos: "stat Crux dum volvitur orbis" — "A cruz está em pé, inabalável, enquanto o mundo dá as suas voltas". O Brasil vai dando suas voltas, o povo brasileiro está em transformação e nós não podemos ficar insensíveis a tudo isso. Mas não perderemos a fortaleza, a fé, a firmeza, exatamente na medida em que estivermos ancorados na Cruz, no espírito de oração, na identificação com o Senhor.

Termino agradecendo mais uma vez tudo o que os religiosos são e fazem no Brasil, agradecendo também à CLAR, na pessoa de seu Pre-

sidente, o que os religiosos significam na América Latina. Agradeço ainda, na pessoa do Cardeal Pironio, todo o carinho que de Roma vem para a vida religiosa em nossa terra. Quero homenagear a Diretoria da

CRB que agora termina o seu trabalho e augurar que também os novos eleitos possam caminhar com os bispos, com o povo, desta mesma forma como até aqui foi feito. Muito obrigado a todos.

A Pequena Comunidade pode ser uma iniciativa inovadora?

Feitos todos os cálculos, creio que a resposta deve ser afirmativa. Para isso, a Pequena Comunidade precisa satisfazer a algumas condições: "Motivação evangélica, comunicação pessoal, oração comunitária, avaliações, integração no Instituto e na Diocese mediante a indispensável assistência da autoridade". São pré-requisitos apontados por Puebla. Em outras palavras: exigem-se uma estrutura diversificada de acordo com as intenções, uma fidelidade incondicional à oração, um espaço suficiente para defesa da própria identidade contra a invasão sempre possível da mundanização, uma abertura humilde e sincera aos outros, capacidade de avaliar-se e sentir-se vulnerável (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Qual o GRANDE problema da PEQUENA Comunidade?

São as PESSOAS. (1) Por que se reúnem? (2) Para que se reúnem? (3) Quem são os que se reúnem? (4) São enviadas para uma missão de auto-escolha e para um autodestino? Até onde é verdade: normalmente quem não serve para uma comunidade de cunho mais tradicional não costuma servir também para uma pequena comunidade.

Cabe à Igreja apresentar modelos de soluções para os problemas políticos?

Não. O papel da Igreja é provocar uma consciência de responsabilidade e de união de esforços em todos. É dar o exemplo de sensibilidade, de organização, de abertura e colaboração com todos os de boa vontade. Ela estimula administradores, políticos, técnicos, comunidades e o povo todo para refletir sobre os problemas e tomar decisões concretas. Na verdade, o cristianismo não é mero incentivo à mudança de estruturas iníquas. É muito mais do que isto. É a transformação interior e radical de cada homem pelo poder de Deus. A Igreja não propõe um modelo de sociedade. Convida o homem a realizar em si os valores e as exigências do Evangelho (Pe. Marcos de Lima, SDB).

VISÃO DA VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA

*Esta conferência foi feita para os Superiores Maiores,
às 14 horas do dia 23 de julho
de 1983, durante a XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB.*

Pe. Mateo Perdia, CP

Presidente da CLAR

Ao falar da Vida Religiosa na América Latina, o discurso necessariamente se desenvolve com grandes simplificações: tanto a expressão "Vida Religiosa" quanto a denominação "América Latina" são abstrações. O que justifica apresentarmos uma visão da Vida Religiosa na América Latina é o fato, certamente singular, de que, na diversidade dos Institutos religiosos e na diversidade dos países e situações, existem elementos constantes e impulsos semelhantes na Vida Religiosa, de um extremo a outro de todo o Continente.

Procurarei sistematizar a visão da VR na AL dentro da **nova consciência** que os religiosos foram adquirindo nos últimos anos. Esta nova consciência emerge numa Igreja e numa sociedade que experimentam grandes mudanças e enfrentam desafios peculiares. Este fato age como fator simultâneo de renovação e de segurança das Comunidades religiosas.

I. Consciência da identidade religiosa

Há cerca de dez anos, em 1973, a CLAR publicou um de seus folhe-

tos mais difundidos — **Vida segundo o Espírito** — nas Comunidades da América Latina. O valor desta publicação é duplo: pelo processo mediante o qual se elabora seu conteúdo, e pelo conteúdo em si.

Quanto ao primeiro, esta publicação representa a fase final de três anos de reflexão continental intercongregacional nas Comunidades religiosas. Daí em diante, a reflexão intercongregacional, com a colaboração de teólogos, de forma mais ou menos organizada, acompanha constantemente a praxe dos religiosos na América Latina.

Quanto ao **conteúdo**, a autocompreensão dos religiosos de sua própria identidade revela uma **integração** dinâmica dos dois aspectos que, com frequência, se apresentam em estado de tensão mútua: a pertença a Deus e a presença no mundo. A **Consagração** a Deus pela profissão religiosa foi entendida como uma **reserva** para Deus e ao mesmo tempo como **missão**.

Nos anos que se seguiram a Medellín, a Vida Religiosa em toda a América Latina experimentava o impacto de Comunidades pequenas que foram instalar-se em meios popula-

res. À clássica tensão entre vida espiritual ou vida interior e apostolado, acrescentava-se uma experiência inédita: comunidades quase desprotegidas, abertas ao meio ambiente, com a irrupção da consciência de problemas e situações fortemente questionantes para a consciência cristã. Ao mesmo tempo, crescia na Igreja uma consciência renovada de sua missão, e consolidava-se um fato de incalculável esperança para a Igreja Latino-americana: o aparecimento de Comunidades cristãs, eclesiais, de base: a irrupção na Igreja do mundo dos simples, dos pobres, com um modo novo, ativo e dinâmico de ser Igreja.

A Vida Religiosa na AL começa a sair de seu mundo cultural e religioso, construído mais ou menos universalmente, para se tornar parte de outro mundo, cujos traços e misérias lhe eram mais ou menos conhecidos, mas cuja alma e potencialidade ela ainda não havia vislumbrado.

Não há de ser um caminho fácil. O impulso cultural e os hábitos adquiridos, alimentarão constantemente a tentação de converter a presença do consagrado em condutor da sociedade. Os Provinciais sabem até que ponto se caiu nesta tentação. Mas não é isto que espera de nós nossa gente simples e humilde. Ela nos vê como homens e mulheres de Deus. É claro que, para o mundo dos simples e dos pobres, o seu Deus não é um Deus confinado no campo do espiritual, um Deus que é indiferente a seu pão, à sua casa, ao seu trabalho, à sua saúde. Culturalmente, eles têm uma visão mais unitária de sua vi-

da e de seus problemas: vêem, sentem e agem a partir de sua situação de vida; rezam, lutam e pensam de maneira bastante unida, ao passo que nós instintivamente distinguimos — com mais lógica do que realismo — o religioso do político, considerando-os campos separados.

O conjunto da VR na AL procurou apoiar sua identidade de consagrado no **seguimento de Cristo**, e entendê-la assim. Jesus em suas atitudes, em suas opções, na forma concreta de viver a fé, a esperança e a caridade, constitui referência obrigatória como forma de vida. Ajuda a VR a avaliação que o pensamento teológico latino-americano fez da “prática de Jesus”, e torna-se indispensável a constante reflexão e meditação do Evangelho de Jesus.

A VR na AL em geral se distanciou de um espiritualismo abstrato. A aproximação dos pobres ajudou-a a integrar diversas relações e dimensões da fé. Contudo, nota-se, de forma crescente, a necessidade de recuperar e substituir por novas formas valores clássicos da Vida Religiosa, como sua dimensão contemplativa, o cultivo do silêncio como deserto, a ascese e a penitência libertadoras.

Enfim, nos últimos anos, a Vida Religiosa, como toda a Igreja, se caracterizou na AL por mudanças institucionais e pastorais. Mudam os métodos e os conteúdos da evangelização, da educação cristã. Muda a perspectiva missionária: o missionário deve conhecer a cultura, a situação humana, deve estabelecer um diálogo evangelizador com estas realidades. Muda a “ação social”;

já não é apenas serviço de caridade e desenvolvimento, mas também luta pela justiça, pelos direitos humanos e pela libertação. Toda mudança na Igreja implica um enunciado da renovação das motivações que inspiram as novas opções. A renovação institucional e funcional da VR requer uma renovação de sua mística e de sua espiritualidade.

II. **Consciência da Eclesialidade da VR**

Dentro de uma perspectiva puramente doutrinária, o tema da eclesialidade da VR é pacífico. Afirma-o com clareza meridiana o Concílio Vaticano II, que não elabora um esquema separado para a Vida Consagrada, mas insere-a na **Lumen Gentium**, relacionando-a exatamente com a vocação universal à santidade. A VR é um dom do Espírito Santo à Igreja. Este é hoje como que um estribilho que indica, ao mesmo tempo, onde a VR mergulha suas raízes e até onde se expandem os seus ramos: na própria santidade de Igreja para a sua Missão.

Se me refiro agora a uma consciência renovada da eclesialidade da VR, faço referência ainda mais explícita a um contexto de praxe na América Latina.

Um dos impulsos mais ricos e válidos da VR é sua mobilidade e disponibilidade para a Igreja universal. Os religiosos, por vocação, são chamados a proclamar a relatividade das fronteiras nacionais e encarnar o ideal, apontado aos povos, de

integrar a família de Deus. Esta vocação universal, na AL, é vivida pela inserção na Igreja particular efetiva e afetivamente, de modo que as Comunidades religiosas façam realmente parte da família diocesana. Esta é uma direção irreversível da VR na AL, a qual implica algumas exigências em grau maior do que antes. Menciono duas: clareza e fidelidade institucional ao próprio carisma e uma tarefa, sem desânimo, de comunhão eclesial.

Em relação a ambas as questões, o Documento **MUTUAE RELATIONES** foi e continua sendo um instrumento útil e oportuno, que certamente não deixou de ser aproveitado na AL como ponto de partida para um diálogo eclesial. Na recente Assembléia do CELAM (Haiti, março) e na Junta Diretora da CLAR (Porto Rico, abril), a maioria das Conferências Episcopais, coincidindo com a maioria das Conferências de Religiosos, constata progressos notáveis nas relações entre Bispos e Religiosos. Isto nos anima a prosseguir, com renovadas forças, um caminho que a Assembléia da CLAR (Paraguai, abril de 1982) considerou como tarefa prioritária. Diante dos desafios para a Igreja que nascem de situações conflitantes, experimentamos a urgência de comunhão orgânica de nossas Igrejas. Esta urgência põe mais a descoberto as nossas deficiências e vazios.

A comunhão que desejamos construir fundamenta-se na fé e na caridade e não se reduz a mera carência de conflitos ou a equilíbrios de interesses individuais. Não se tra-

ta de mera sensação de bem-estar de um grupo sem problemas, mas da unidade profunda que passa, às vezes, pelo conflito mas que consegue superá-lo.

A tentação do "privativismo institucional" e da "ruptura" é muito real em Religiosos da AL. O cansaço de viver conflitos pode induzir grupos religiosos a se fecharem como o caracol dentro de suas próprias paredes e a deixarem que os ventos sopram por cima do telhado. E, por outro lado, numa Igreja em profundas mudanças, com modelos eclesiais coexistentes, a ruptura interna é uma ameaça.

Hoje, mais do que nunca, constatamos que a comunhão é inseparável da Cruz e do sofrimento por que passa o seguidor de Jesus, pelo fato de querer afirmar sua fidelidade incondicional ao projeto de comunhão de Deus.

III. **Consciência de fidelidade à história**

A fidelidade a Deus se integra com inúmeras fidelidades que não podem dissociar-se. O Documento da SCRIS, **Religiosos e Promoção Humana**, fala de quatro fidelidades: a Jesus, à Igreja, ao Homem e ao próprio Instituto.

No plano doutrinário, hoje ninguém falaria de uma VR dobrada sobre si mesma, para seus membros. Dom do Espírito Santo para a Igreja, a VR é parte integral da missão do Povo de Deus junto aos povos. É no coração do Povo de Deus missionário que ela encarna o absoluto de Deus e evidencia o espí-

rito das bem-aventuranças. A consagração a Deus, a vivência dos votos, o dinamismo do carisma, sua oração e apostolado se dão no interior de uma história concreta — a história de nossos povos.

No campo prático, a relação estreita e intensa da VR com a situação, cultura e religião dos povos é fonte esperançosa de vitalidade. É-o também de dificuldades, de estremecimentos, de divergências gritantes e de suspeitas apaixonadas. Não sei se poderia ser de outra maneira, em se tratando de países com situações — por vezes extremas — de conflitividade.

Em países "biculturais" (cultura dominante e dominada), a inculturação na cultura e na religiosidade popular de nossas maiorias populares está ainda muito no início. A proximidade física e afetiva dos religiosos com os pobres e simples fez a VR participar de sua concepção de vida, de sua religiosidade, com dinamismos libertadores, abrindo-lhes horizontes novos para encarnar melhor a vida das Comunidades, como também para motivar a revisão da orientação das obras, para que estas realmente se coloquem a serviço de uma transformação da realidade. Nesta ordem, nós, religiosos, em nossas diversas regiões, temos à nossa frente uma tarefa difícil, de muita reflexão e coragem.

Nesta renovação da consciência dos religiosos da América Latina, desempenharam um papel primordial as Conferências Nacionais e a CLAR a nível continental. Estimularam e canalizaram a comunhão

dos Institutos religiosos. Em todos os países, podem-se constatar os frutos desta comunhão. Propiciaram acompanhamento e expressaram solidariedade nos momentos difíceis. Promoveram a reflexão partindo das

bases, e ofereceram esclarecimento teológico em face de situações que envolviam obscuridades e ambigüidade. E, principalmente, na maioria dos países, despertaram nos religiosos entusiasmo pela sua vocação.

Bom entendimento

Misericórdia, como a define João Paulo II, “é o amor quando se mostra maior do que o pecado e mais forte do que a ofensa”. Como na Parábola do Filho Pródigo, a misericórdia consiste em restituir, mais do que tudo, a dignidade perdida e a grandeza barganhada por uma bagatela.

Conhecer a Escritura = Conhecer Jesus Cristo

O Sagrado Concílio exorta, com ardor e insistência, todos os fiéis, mormente os Religiosos, a que aprendam a “sublime ciência de Jesus Cristo” (Fil 3, 8) com a leitura freqüente das divinas Escrituras, porque a ignorância das Escrituras é ignorância do próprio Jesus Cristo, **Dei Verbum**, nº 25.

O nosso pequeno mundo de 1983

Se o mundo fosse uma aldeia de 1.000 habitantes, 60 seriam norteamericanos, 80 sul-americanos, 210 europeus e 564 asiáticos. Se o mundo fosse um aldeia de 1.000 habitantes, 700 seriam de cor, 300 brancos e cerca de 300 cristãos. Se o mundo fosse uma aldeia de 1.000 habitantes, 60 pessoas ganhariam metade da renda real, 500 iriam dormir com fome, 690 viveriam em barracos e 700 seriam analfabetos. **Se fosse a nossa aldeia**, procuraríamos, de certo, mudá-la. Pois bem, é justamente a nossa aldeia, porque este é o nosso mundo.

Libertação e Libertações

A libertação evangélica — formação da consciência e conversão das disposições íntimas — não pode ser sacrificada “às exigências de uma estratégia qualquer ou a uma práxis de eficácia a curto prazo”, **Evangelii Nuntiandi**, nº 33. “A Igreja recusa substituir o anúncio do Reino pela proclamação de libertações puramente humanas”, E. N., nº 34, e “jamais identifica a libertação humana com a salvação em JESUS CRISTO”, E. N., nº 35.

APRESENTAÇÃO

DA TEMÁTICA GERAL

DA XIII AGO DA CRB

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Rio de Janeiro, RJ

I. O modo de produção teológica desenvolvida pela equipe da CRB NACIONAL

01. Situar o tema geral desta XIII AGO da CRB pede um recuo no tempo que nos permita captar adequadamente o modo de proceder da CRB, na escolha e determinação da temática de suas Assembléias. É na seqüência dos acontecimentos sócio-eclesiais e da Vida Religiosa, e da reflexão teológica, a partir destes mesmos acontecimentos, que se situa esta questão. Para esta reflexão, além de outras instâncias, a CRB conta, há 13 anos, com a equipe de reflexão teológica. Ao longo destes anos de existência, a equipe de reflexão tem tratado de ser expressão de um pensamento teológico que exprima, critique e aprofunde a vida eclesial e a Vida Religiosa.

02. De fato a sua criação, em 1970, obedeceu ao imperativo da realidade: a Vida Religiosa chegara a um nível de problematização que demandava o acompanhamento da reflexão teórica. E todo o trabalho

da equipe, ao longo destes anos não tem sido outro senão tentar pensar com amplitude as questões suscitadas pelas bases, isto é, tem constituído uma reflexão em cima do processo evolutivo por que está passando a Vida Religiosa na sua totalidade, aqui entre nós.

03. Prova disso são as principais tendências teológicas discerníveis na CRB no decurso destes anos e que, brevemente, podem se resumir em quatro acentos principais da reflexão, que apresentamos a seguir:

04. Primeiro acento: Questionamento acerca da identidade da VR pela teologia da secularização da Igreja local (1970-1973). Neste contexto colocavam-se para a VR as questões: — por um lado como ser religioso num mundo secular, banhado possivelmente pela graça e por isso teologicamente válido (em linha com o fenômeno da secularização); por outro, como inserir-se na pastoral de conjunto na Igreja particular, assumindo uma presença ativa na comunidade para além das obras específicas da Congregação e mantendo aí a contribuição especí-

fica da VR como carisma dado à Igreja? (descoberta da Igreja particular). Esta problemática foi amplamente aprofundada na reflexão da equipe e abordada na IX AGO, em 1971, sob os temas: "Vida Religiosa e Secularização", — "VR e testemunho político", e sob um amplo debate em plenário com D. Valfredo Tepe sobre a presença do Carisma religioso na Igreja particular.

05. Segundo acento: Questionamento da Missão da VR (1974-1976). Na medida em que a VR se inseria na sociedade secularizada e na Igreja local, colocava-se, simultaneamente, a questão de sua **missão** específica: — que tipo de serviço espera o mundo e a Igreja local da Vida Religiosa? O tema da X AGO, em 1974, foi uma tentativa de respostas a esta problemática e foi exatamente: — "A missão profética do Religioso hoje", focalizando o duplo aspecto da profecia na VR: social e intra-eclesial.

06. Terceiro acento: O questionamento da práxis da VR na Igreja e na sociedade (1977-1979). A inserção profética na Igreja e na sociedade abriu, para a VR, um conhecimento maior e mais exigente da realidade e levantou a grande pergunta: Que tipo de práxis possui e deve possuir a VR dentro da sociedade brasileira? Esta grande questão ocupou a equipe teológica na era de Puebla, na fase preparatória e na de assimilação e socialização dos seus resultados. O esforço para aprimorar a análise da realidade brasileira nas suas várias dimensões encontrou uma de suas melhores expressões nos subsídios para a formação da consciência crítica, elaborados pelo Pe. João

Batista Libânio, e na temática da XI AGO em 1977: "A Realidade Nacional e Eclesial do Brasil hoje e a presença dos Religiosos nela". A conclusão só podia ser uma: a opção religiosa deve ser uma presença libertadora, reforçando o pólo mais fraco que é aquele dos pobres, buscando re-orientar as obras para esta funcionalidade.

07. Quarto acento: O questionamento das distintas práticas da VR na Igreja e na sociedade (1980-1983). O conhecimento dos mecanismos do sistema e as injunções que impõe à presença dos Religiosos dentro dele constituem um passo importante, e levou à passagem da análise da práxis em geral à das distintas práticas da VR na Igreja e na sociedade. A XII AGO, em 1980, tentou fazer isto, ainda sob o impacto de Puebla, destacando os temas da "Opção pelos pobres", da "Opção pelos jovens" e da "VR inserida nos meios populares", sob a consigna da "Participação e Comunhão".

08. Com a definição do novo lugar social e eclesial da VR, com as experiências de reflexão e de prática, ligadas aos interesses de uma libertação integral, sentiu-se a necessidade de um processo pedagógico para os novos religiosos: como o religioso educa e se deixa educar pelo povo, como educar-se para a justiça, como conviver com os conflitos inevitáveis a quem se solidariza com a vida do povo; como fazer uma ruptura e uma nova síntese com o passado: tais temas ocuparam a reflexão teológica da CRB, em 1981-1982, mas sentiu-se também a necessidade de um processo pedagógico para quem exerce na VR o serviço

da Autoridade. Isto nos coloca, já, na justificativa do tema desta XIII AGO.

II. O tema da XIII AGO: seu contexto e a razão de sua escolha

09. Todo o processo anteriormente descrito, ainda que de forma concisa e breve, deixa perceber que a VR no Brasil está passando por uma profunda transformação, da qual vai emergindo uma nova figura de VR, um novo modo de viver o projeto religioso na sua totalidade, como vocação carismática e profética na Igreja. Tudo isto se dá na interação com o contexto eclesial e social em que está inserida, como ficou dito, e sofrendo as incidências de um processo evolutivo mais amplo e abrangente.

10. Diante de toda esta caminhada as reações foram diversas: Por um lado, a tendência a fazer avançar o processo, abrindo-se sempre mais à ação do Espírito Santo que o conduz; por outro, uma reação da insegurança e da perplexidade diante dos seus desafios e da sua originalidade.

11. Em vários setores da VR começa a repercutir hoje, de forma sensível, a tendência ao neofundamentalismo que atinge a sociedade e a Igreja, e que oferece soluções rápidas e eficazes para resolver o problema, eliminando os conflitos.

12. De fato, o neofundamentalismo ou neoconservadorismo constitui uma das tendências da sociedade hoje: Na América do Norte cientistas sociais e pensadores religiosos, que advogavam mudanças tanto na so-

ciiedade como na Igreja, tornaram-se defensores da ordem existente e opositores das tendências transformadoras. Acreditam que as instituições das nações democráticas em geral, acham-se às voltas com uma crise de confiança; a autoridade foi solapada, está ameaçada a legitimidade das instituições. Daí a necessidade, segundo eles, e, entre outras medidas, da volta a uma posição de reforço da disciplina e da defesa da ordem existente.

13. Naquele mesmo país, cristãos que se intitulam "neoconservadores" vêm reagindo com vigor contra o que chamam "desvio para a esquerda" nas igrejas cristãs; levantam objeções teológicas, propõem novos ideais políticos e recomendam às Igrejas uma nova estratégia pastoral.

14. Na América Latina, o movimento neoconservador vai-se configurando pela tendência a "deixar as coisas como estão". Os neoconservadores aqui são em geral, ex-progressistas que se mostram agora céticos acerca dos esforços por criar uma sociedade nova ou justa. Em vista disto mostram maior estima pela atual ordem e suas limitações e propugnam a legitimação do poder dominante seja condicionada ou incondicionada. Geralmente, tais reações, apesar de seu caráter de reflexos, costumam chamar a atenção para valores autênticos e estimular a reflexão.

15. Junto com estas irrupções do neoconservadorismo na sociedade e na Igreja da América Latina, continuam a crescer aqui entre nós anseios de participação e de libertação.

16. As novas práticas eclesiais, sob a consigna de Puebla — "Co-

munhão e Participação”, — sobretudo as Comunidades eclesiais de base têm ampliado as margens de realização destes anseios, criando uma dinâmica comunitária de real participação.

17. Pelo que toca a VR, seja o processo evolutivo e transformador destes anos, como as reações que tem provocado, fizeram aflorar, também reações opostas. Em alguns setores da base cresce o desejo de participação e de autonomia, desejo que, às vezes, não esconde certa impaciência e rigidez. Em outros, vai aumentando uma impressão de dissolução geral, de anomia, de insatisfação generalizada, de insegurança e incerteza, que leva a buscar de novo o caminho certo e trilhado da disciplina, e das soluções seguras, a partir de um esquema verticalista de autoridade, inscrito num modelo institucional hierárquico.

18. Pressionados por estas correntes opostas, os Superiores, muitas vezes, encontram-se perplexos, oscilando entre os extremos de optar por uma anomia que desfigura o projeto religioso, ou de ceder às tentações do autoritarismo que, pelo caminho inverso, leva também à mesma desfiguração da comunidade religiosa, privando-a de sua genuína qualidade evangélica de vida.

19. Reconhecendo a seriedade das tensões e a urgência de uma superação condizente com o caminho feito, até agora, a equipe refletiu durante este último ano sobre o tema da “Autoridade na Vida Religiosa”, escolhido também para a XIII AGO. Não se trata de fechar a reflexão sobre a VR, encerrando-a nos limites

da Instituição, senão de ajudar a perceber as implicações que o exercício da autoridade tem com a atual conjuntura e o papel que lhe cabe nesta encruzilhada da VR, para que a caminhada continue a se fazer sem descontinuidades indesejáveis, e para que todo o tecido da VR se renove.

20. Esta motivação foi reforçada ainda pelo fato de que, na teologia da VR, geralmente se trata o problema da autoridade, a partir do pólo da obediência, e até exclusivizando este pólo. Uma visão teológica atual coloca a obediência na linha da participação de todos na missão de Jesus Cristo que é obediente. Nesta linha a obediência é tarefa comum a todos nós: atinar com a Vontade do Pai e traduzi-la em realidade é algo de que ninguém se pode eximir, qualquer que seja seu papel e função, quer exerça ou não na comunidade o serviço de autoridade. Por isso pareceu importante abordar a problemática a partir do seu pólo original — a autoridade, como serviço pela obediência de todos à Vontade de Deus.

III. O tema da XIII AGO: o processo seguido na sua escolha e preparação

21. Como ficou dito anteriormente, a determinação do tema “Autoridade na VR” para esta XIII AGO, processou-se a partir da realidade do processo renovador seguido pela VR e em estreita conexão com a linha de reflexão da equipe nos últimos anos. A preocupação principal nesta escolha foi continuar a reflexão em cima do processo e oferecer aos membros

da Assembléia a ocasião de refletir juntos sobre a atual conjuntura, buscando juntos as pistas de solução mais condizentes com as perspectivas que este mesmo processo está abrindo.

22. Para isto, e atendendo a uma solicitação feita por um considerável número de participantes da XII AGO, na avaliação final, foi elaborado em 82 um texto de estudo, ou texto-base e remetido a todas as Comunidades do país. O objetivo deste texto era provocar um amplo debate nas bases, suscitando uma participação efetiva das comunidades e das pessoas na montagem do conteúdo e dinâmica da Assembléia, através de contribuições que refletissem a caminhada, os avanços, impasses e conquistas destes últimos anos na área abrangida pela temática.

23. A resposta das Comunidades foi expressiva. Chegaram à CRB Nacional, no prazo estabelecido, perto de 350 contribuições de Comunidades, Província e/ou Congregações.

24. Este acervo de contribuições incluía: reflexões teóricas, sugestões de ordem prática a partir da experiência, dados concretos da caminhada, pistas para superação das tensões, perspectivas de futuro. A EQUIPE debruçou-se sobre este material numa acurada análise crítica, seguida de uma síntese que possibilitou a visualização globalizante das contribuições recebidas. A partir daí, e em reunião conjunta com a Diretoria Nacional, fez-se a determinação dos aspectos a serem tratados; dos teólogos mais indicados para o tratamento de cada assunto, e da di-

nâmica mais pertinente, de acordo com as sugestões.

25. Uma rápida visão da panorâmica que emergiu da análise das respostas recebidas das bases, e seu confronto com a montagem da XIII AGO poderá mostrar a tentativa da equipe para corresponder à contribuição e aos anseios das comunidades. Por isto indicamos brevemente agora esta panorâmica e o conteúdo da XIII AGO:

PANORÂMICA

a) Problemas mais gerais

— O conteúdo teológico da autoridade.

— Obediência como atitude global.

— Tendência ao centralismo e autoritarismo.

— A conjuntura atual e a Autoridade.

— Liberdade/Autoridade.

— Autoridade/Obediência aspecto político e dimensão humana.

b) Problemas particulares

— A autoridade nas comunidades de inserção.

— O pobre como mediação na Autoridade.

— Objeção de consciência.

— Relacionamento entre Bispos e Religiosos.

— Tendência ao centralismo e autoritarismo.

TEMATICA DA XIII AGO

Palestras

a) Discernimento na atual Conjuntura da Igreja: a volta à grande disciplina.

b) O Evangelho do poder-serviço.

c) Da Autoridade na Igreja: Formas históricas e eclesiológicas subjacentes para uma hermenêutica cristã.

Painéis

a) Autoridade e Discernimento.

b) A Mediação do pobre no exercício da Autoridade.

c) Relacionamento mútuo entre Bispos/Religiosos.

26. A montagem da AGO, a partir desta panorâmica intenta ser isto: devolver agora aos Superiores Maiores presentes aqui e a todos os membros da Assembléia aquilo que veio das bases e que passou por uma elaboração da equipe. O programa

está feito, mas não fechado. Cabe ainda uma participação desta Assembléia, como indicativa e complementar para os conferencistas e integrantes de painéis destes dias. Daí o sentido da dinâmica que se seguirá.

27. O objetivo desta dinâmica é propiciar a todos que dêem sua contribuição, indicando: a) Ênfases e acentos que gostariam de ver destacados nas palestras ou painéis previstos. b) Dimensões que julgam prioritárias, na temática geral. c) Omissões que percebem na mesma temática e que poderiam ser, de algum modo, incluídas na abordagem dos temas previstos e no desenvolvimento da Assembléia.

28. Esta dinâmica apela para a responsabilidade de todos no desenvolvimento de toda a AGO. A Assembléia não deve ser tarefa dos assessores. Tem que ser feita por todos, a partir do que cada um tem para dar. Só assim será, de fato, uma Assembléia de Comunhão e Participação.

O hábito da oração é necessário ao religioso

A oração é uma condição necessária para a proclamação do Evangelho (Mc 1, 35-38). É no contexto da oração que se tomam as decisões importantes e que se vivem os grandes acontecimentos (Lc 6, 12-13). Assim como para Jesus, de igual modo o hábito da oração é necessário ao religioso que deseja ter uma visão contemplativa das coisas, visão que revela na fé a presença de Deus nos acontecimentos ordinários da vida. Tal é a dimensão contemplativa que a Igreja e o mundo têm direito de esperar dos religiosos pelo fato mesmo de sua consagração. **A doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa**, Características, nº 29. Ver Osservatore Romano, 14.08.1983, página 6.

PRIORIDADES DA CRB

*A votação foi feita no dia 29 de julho de 1983,
às 8 horas, durante a XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB.*

A XIII Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil, tendo refletido sobre o tema "Autoridade e Governo na Vida Religiosa hoje", e atenta aos grandes desafios do momento histórico, assume para o triênio 1983/1986 as seguintes prioridades:

I — Mediação do pobre

01. Que a CRB se empenhe para que a VR no Brasil — em suas formas de expressão, de presença e de ação na Igreja e na sociedade — seja inspirada, organizada e dinamizada a partir da **MEDIAÇÃO DO POBRE**.

02. Em continuidade com a temática e os questionamentos da XIII AGO, ajude os Religiosos do Brasil a ouvir o clamor dos pobres mediação privilegiada de nossa obediência ao Pai na atual situação histórica — incentivando e assessorando:

— o processo de transformação dos esquemas e estruturas de governo no interno das Congregações e da própria CRB;

— uma lúcida redefinição das atividades, obras e instituições dos Religiosos, em função das urgências da realidade concreta do nosso povo.

II — Inserção nos meios populares

03. A CRB continue incentivando e acompanhando o processo de inserção dos Religiosos nos meios populares, que constitui hoje no Brasil uma clara forma alternativa da vivência do projeto religioso. Para isto:

— procure abrir amplo espaço para a reflexão e a troca de experiências, viabilizando o avanço do processo, num constante confronto entre a teoria e a prática;

— ajude a aprofundar a nova configuração da VR e a nova espiritualidade que vão emergindo desta caminhada, com suas características e valores peculiares, para que o carisma da VR, vivido neste contexto, seja uma clara manifestação da força renovadora e profética da presença do Espírito no meio do Povo de Deus;

— propicie, aos Religiosos que o desejarem, assessoramento e subsídios que os ajudem a uma maior inserção no mundo do trabalho, com suas exigências peculiares;

— a partir de sua perspectiva própria, que é a animação da Vida Religiosa e de sua missão, esteja atenta à caminhada dos religiosos

engajados na Pastoral Popular e articulados com Movimentos Populares organizados.

III — Identidade-carisma-missão

04. Diante dos desafios e conflitos que se apresentam à Igreja do Brasil hoje, a CRB ajude os religiosos a assumir sua identidade, acentuando as dimensões profética e missionária do seu carisma. Encoraje-os também a prosseguir na descoberta do seu lugar próprio na Igreja e na sociedade, abrindo novos caminhos, ocupando espaços vazios e comprometendo-se na transformação social em vista do Reino.

IV — Formação

05. Que a CRB anime e promova a formação integral dos religiosos, adequando seus programas aos novos valores da VR, às exigências eclesiais e sociais do atual momento histórico e sobretudo à opção preferencial pelos pobres. Neste sentido, procure favorecer:

— uma espiritualidade mais encarnada de modo a integrar contemplação e ação;

— o aprofundamento do verdadeiro espírito missionário que busca atender aos sinais dos tempos;

— o fortalecimento do senso crítico que leva a uma adequada leitura da realidade e a uma ação transformadora;

— o crescimento na maturidade humano-espiritual, pessoal e comunitária;

— uma nova visão de autoridade e obediência na linha da correspon-

sabilidade, do discernimento e do serviço, em vista da missão:

— o aprimoramento contínuo e sempre mais profundo dos formadores.

V — Autoridade e Governo

06. Que a temática da XIII AGO, "Autoridade e Governo na VR hoje", seja aprofundada ao longo do próximo triênio.

VI — Educação e juventude

07. Diante das exigências de nossa realidade sócio-cultural, a CRB continue oferecendo subsídios aos religiosos educadores, para que se empenhem numa verdadeira educação para a justiça. Levando em conta as opções de Puebla pelos jovens e pelos pobres, dê particular atenção aos que se dedicam à juventude e à educação popular.

VII — Saúde

08. Que a CRB continue o seu trabalho junto aos religiosos da área da saúde, levando-os a assumir sua missão específica e a dedicar especial cuidado à saúde preventiva, despertando maior interesse por esta problemática.

09. Ajude a repensar, na ótica da evangelização libertadora, a problemática dos hospitais atendidos por religiosos, frente às dificuldades criadas pelos atuais mecanismos de opressão e exploração.

VIII — CRB

10. A CRB, como organismo de serviço à Vida Religiosa, procure re-

novar e simplificar suas estruturas e metodologias de trabalho, visando à maior participação de todos os religiosos e à coerência com a opção pelos pobres assumida pela Igreja. Procure também possibilitar participação mais efetiva das Regionais no nível nacional.

IX — CRB/CNBB

11. Que a CRB continue a priorizar a comunhão eclesial, mantendo a linha de intercâmbio e ação conjunta entre CRB e CNBB e ajudando os religiosos a assumir, em atitude de discernimento, as prioridades da Igreja no Brasil.

João Paulo II, no dia 28/1/1979, em Puebla

A Igreja sente o dever de proclamar a libertação em seu sentido integral, profundo, como anunciou Jesus Cristo. Libertação de tudo o que oprime o homem, antes de tudo, salvação do pecado e do maligno, dentro da alegria de conhecer a Deus e de ser, por Ele, conhecido. A libertação não pode reduzir-se à simples e estreita dimensão econômica, social ou cultural.

Pecado Social — Pecado Pessoal (I)

Aquilo que o homem sente em seu coração não é um “mal qualquer restrito ao âmbito psicológico e social, mas o pecado, ou seja, o mal que o homem livremente aceita diante de Deus e contra Deus, rejeitando seu amor”. Pode o pecador sentir “a tentação de negar o pecado e de buscar a explicação dos males, não no pecado, mas nas estruturas da sociedade. Por isso se nota uma progressiva diminuição do sentido do pecado individual. É clara uma crescente tendência para acentuar o pecado das estruturas ou o pecado social. Mas a realidade é outra. A injusta estrutura social é efeito dos pecados pessoais e, por sua vez, incentivo para outros pecados”, **Documento de Trabalho do Sínodo, nº 8.**

Pecado Social — Pecado Pessoal (II)

Os desequilíbrios de que sofre o mundo contemporâneo estão ligados a um desequilíbrio mais profundo, que se enraíza no coração do homem, João Paulo II, **Dives in Misericordia, nº 7.** Esquece-se frequentemente que o mal tem, não só, uma dimensão física, mas uma dimensão ética. E esta é mais fundamental, João Paulo II, **Diálogo com João Paulo II, André Frossard, página 122.**

POSSE DOS ELEITOS.

ENCERRAMENTO DA XIII ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA CRB

*Palavras proferidas pelo Presidente eleito
Irmão Claudino Falquetto, FMS,
por ocasião da posse da Diretoria e Conselho
Superior da CRB Nacional, na missa
de encerramento da XIII AGO, dia 29 de julho de 1983.*

Ir. Claudino Falquetto, FMS
Presidente Nacional da CRB

Dom Abade Inácio Acyoli, Revmo. Pe. Décio Batista Teixeira, Presidente da CRB; Prezado Ir. Roque Ary Salet, Presidente da Assembléia; Pe. Mateo Perdia, Presidente da CLAR; Karl Werkamp, Representante da AMA; Srs. Diretores-neo-eleitos; Participantes da XIII AGO, Vogais, Assessores, Observadores...

Nesta hora solene, quando mudam os quadros diretivos da CRB/Nacional e quando terminamos mais uma Assembléia Geral, o sentimento que espontaneamente brota em todos os corações é o da esperança, é o do desejo de vida renovada. Não porque a vida e a esperança não existissem, mas unicamente porque assim somos feitos e assim reagimos em ocasiões semelhantes.

Nos seis últimos anos pude conviver mais de perto com as programações e realizações da CRB/Nacional, e constatar, não raro pessoalmente, a vitalidade da VR nas Re-

gionais e nos mais distantes rincões de nossa terra, lá onde exista um religioso. A VR pulsa, nasce e renasce, brota e cresce, vive, sob mil formas ou estilos, desde os mais engajados e ousados até às formas mais conhecidas ou rotineiras, sempre, no entanto, na busca da mesma única meta final: a imitação do Senhor Jesus e o serviço aos Irmãos.

Mil graças sejam dadas ao Senhor pela vida por Ele sempre sustentada na Igreja, no seio de seu povo. Oxalá estejamos sempre atentos, como atentos estiveram nossos fundadores, aos clamores do povo e aos apelos da Igreja para preencher com os diferentes carismas das diferentes Congregações todos os vazios e todos os apelos do Senhor aos religiosos de hoje.

O tema da Assembléia: "Autoridade e obediência na VR", foi uma tentativa de discernir a vontade de Deus a partir dos apelos dos pobres e da Igreja; foi tempo de "ob-au-

diência". Para nós que assumimos a direção da CRB, para todos os superiores maiores, para os responsáveis pelas Regionais da CRB, para os teólogos, para quantos ouviram a voz do Senhor nestes dias, fica o desafio da resposta generosa e encarnada. Algo há de mudar no exercício da autoridade e na auscultação da presença do Senhor a partir da ótica do pobre. Renasce e revigora-se mais uma vez a Vida Religiosa.

De minha parte comprometo-me colocar à disposição dos religiosos do Brasil toda minha capacidade de serviço, a fim de viabilizar as prioridades e objetivos que esta Assembléia propôs à Diretoria. Rogo ao Senhor e peço aos irmãos religiosos que sejamos sempre e em cada circunstância — sobretudo nas conflitivas e nas inesperadas — sinal de unidade, centro de amor e testemunhas da fé.

Agradeço ainda uma vez a confiança em mim depositada, o calor da acolhida e a compreensão generosa. Saúdo e acolho cordialmente os Irmãos que a Assembléia indicou para a Diretoria e para o Conselho Superior, na certeza de um entendimento perfeito porque ditado pelo desejo exclusivo do serviço concebido como gesto de amor.

Ao Pe. Décio, que por seis anos esteve à frente da caminhada da CRB, fica a homenagem e o agradecimento de todos os religiosos do Brasil. Que o Senhor ilumine seus novos passos e novas funções.

À Província Marista do Rio de Janeiro, aqui representada por meu Provincial, Irmão Gentil Paganotto, agradeço o gesto eclesial de minha liberação, consciente que sou do enorme sacrifício que isso representa para a pobreza de nossos quadros e recursos humanos.

Saúdo respeitosamente os diferentes organismos de Igreja, sobretudo os mais diretamente ligados à CRB, augurando paz e unidade para todos e com todos. À CNBB como organismo e a cada bispo em particular renovamos o profundo anseio de comunhão e de mútuas relações, alicerçadas no Senhor Jesus e no serviço aos irmãos.

A todos os religiosos do Brasil, mormente os doentes, os idosos e àqueles que se encontram em situações conflitivas ou turbadas por convulsões opressivas, vai uma palavra de fraternidade e de solidariedade.

De agora nos colocamos à escuta do Senhor para servir e que o Senhor torne fecundo nosso serviço, sobretudo quando mandar a cruz.

Maria, caminho de esperança e esperança no caminho, acolhe este novo triênio que confiamos à Tua proteção. Dá-nos a cada instante a capacidade de dizer SIM aos apelos de Teu Filho Jesus; preside no amor a caminhada desta comunidade que hoje se dispersa e quer ser missionária pela escuta e pelo testemunho da presença do Teu Filho ressuscitado. Impede, ó Boa Mãe, que nos cansemos ou paremos. Amém.

ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR

CONVERGÊNCIA, ANO DE 1982

Este Índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1983. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página

Ir. Yolanda Nascimento, MJC

Rio de Janeiro, RJ

ALMEIDA, D. Luciano Mendes de — Visto de permanência para Missionários (Informe da CRB)	163/259
ANTONIAZZI, Pe. Alberto — Ascensão ou queda das vocações sacerdotais?	164/341
AZEVEDO, Pe. Marcello de Carvalho, SJ — Decisão dos homens e vontade de Deus. O desafio da obediência	164/327
— Evangelização e Cultura Secular	160/97
— Obediência na Vida Religiosa	163/273
— Obediência, objeção de consciência, opção pelos pobres ..	165/392
— Opção pelos pobres e cultura secular. Implicações do momento eclesial	159/46
— Oração, encontro conosco sob o olhar de Deus	166/451
— Oração e a nossa educação na fé	167/523
AZZI, Prof. Riolando — Dom Pedro Maria de Lacerda e a vinda dos Salesianos para o Brasil	161/175
— Evangelização e presença junto ao povo. Aspectos da História do Brasil	164/360
— Um Religioso à frente da Reforma Católica no Brasil: Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana (1844-1875)	160/112
BAGGIO, Fr. Hugo D., OFM — Vocação visualizada	162/195

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti — A vocação do leigo Teólogo na Igreja hoje	166/481
BOFF, Fr. Clodovis, OSM — Comunidades autogovernadas. Autoridade e Obediência nas Comunidades de Inserção	159/38
BOFF, Fr. Leonardo, OFM — O sobrenatural e a Teologia da Libertação	165/433
BONFLEUR, Ir. Arno, FSC — Orientação para uma Pastoral Vocacional	160/83
BRUNELLI, Ir. Delir, PIDP — Formação Permanente: uma nova perspectiva para a Formação na Vida Religiosa	162/203
CALIMAN, Pe. Cleto, SDB — Dom Bosco, Educador da Juventude, ontem e hoje	160/73
— Relações entre Vida Religiosa e Igreja Local à luz da Missão. Uma aproximação teológica	166/496
CASAROLI, A. Card. — De Roma para a CNBB e CRB	161/131
CERDA, Javier, SS.CC — Elementos para a animação da Comunidade Religiosa	162/220
COSTA, D. Lucas de Almeida, OSB — IV Encontro Monástico Latino-Americano (Informe da CRB)	159/16
CNBB/CRB — Reunião conjunta da Presidência da CNBB com a Diretoria Nacional da CRB (Informe da CRB)	159/8
— Reunião conjunta da Presidência da CNBB com a Diretoria Nacional da CRB, 1983 (Informe da CRB)	165/387
CRB — Nova Diretoria e novo Conselho Superior	168/579
CRB. FREITAS, Ir. Maria Carmelita de, FI — Encontro anual da Diretoria e Executivo Nacionais com os Presidentes e Secretários Executivos Regionais (Informe da CRB)	159/3
CRB/BELO HORIZONTE — Assembléia Regional de 1982 (Informe da CRB)	161/136
CRB/XIII AGO — Aos Irmãos e Irmãs Religiosos do Brasil	168/580
— À Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional	168/580
— Aos Padres Aristides e Francisco	168/581
— Aos posseiros de São Geraldo do Araguaia	168/582
— Nota sobre o Momento Brasileiro	168/582
— Prioridades	168/630
CRB/FLORIANÓPOLIS — XIII Assembléia Regional da CRB/SC, 1982 (Informe da CRB)	161/133

CRB/PORTO ALEGRE — Encontro de Coordenadores de Núcleos Diocesanos dos Religiosos	161/137
— Proposições elaboradas e aprovadas pelos Bispos e Superiores Maiores do Rio Grande do Sul, no encontro de 3 de junho de 1983 (Informe da CRB)	165/389
DICK, Pe. Hilário, SJ — Minha experiência na Pastoral de Juventude	161/171
DULLIUS, Ir. Paulo, FSC — A questão das motivações na Vida da Religiosa	163/303
FALQUETTO, Ir. Claudino, FMS — Posse dos eleitos. Encerramento da XIII Assembléia Geral Ordinária da CRB	168/633
FASSINI, Pe. Ático, MS — Elementos para uma espiritualidade popular e mariana segundo Puebla	164/337
— Presença de Maria no projeto de reconciliação	167/547
FREITAS, Ir. Maria Carmelita de, FI — Apresentação de Temática Geral da XIII AGO da CRB	168/624
— Assembléia constituinte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Informe da CRB)	159/12
FURNO, Dom Carlo, — Caros religiosos e religiosas do Brasil ..	168/602
GTS/NACIONAL. LENGERT, Ir. Elizabeta, FE e BERTOLO, Ir. Odete, SCVM — Curso de Moral para religiosas da área de Saúde (Informe da CRB)	165/390
GUERRE, Pe. René, — A Vocação na Bíblia a partir da realidade do povo	161/150
GUERRERO, Pe. José Maria, SJ — A Vida comunitária. Sua evolução, suas dificuldades e esperanças	167/555
GUIMARÃES, Fr. Almir Ribeiro, OFM — A Vocação de especial consagração na Igreja e seu sentido hoje	166/462
HENNINGS, Pe. Erich Georg, barnabita — Vocação e Vontade de Deus	159/34
LEERS, Fr. Bernardino, OFM — Modelos de Igreja e Pastoral Vocacional	163/288
— Violência e reconciliação	162/228
LISBOA, Pe. Paulo, SJ — Sujeitos de discernimento	163/283
LORSCHETER, Dom Ivo, — Panorama atual da Igreja no Brasil ..	168/607
MACCISE, Fr. Camilo, OCD — Comunidade Religiosa e Missão evangelizadora hoje	161/140
MANENTI, Alessandro, — Para um novo projeto de Formação ...	165/404

MARIA JOSÉ DE JESUS, Ir., OCD — Programa Formadoras Contemplativas (Informe da CRB)	163/259
MARIA MADALENA, Ir. (Contemplativa da Congr. de Sion) — PRO-FOCO — Programa para Formadoras Contemplativas — 1982 (Informe da CRB)	161/132
MOSER, Fr. Antônio, OFM — Autoridade e objeção de consciência	165/413
NASCIMENTO, Ir. Yolanda, MJC — Índice Alfabético, por Autor. Ano 1982	159/60
— Índice alfabético, por Autor. Ano 1983	168/635
NERY, Ir. FSC — O Espírito Santo, Educador perene de nossa fé	159/18
NEVES, D. Lucas Moreira, — A serviço da Justiça e da Paz	164/382
— Um gesto histórico	162/253
PERDIA, Pe. Mateo, CP — Visão da Vida Religiosa na América Latina	168/619
PIRÔNIO, Cardeal Eduardo, — Constituições renovadas	167/515
— De Roma para a CRB (Informe da CRB)	164/323
— A Vida religiosa na Igreja e no mundo hoje	168/591
ROY, Ir. Ana, — XVI Assembléia Regional da CRB Nordeste III. Bahia — Sergipe (Informe da CRB)	159/14
— A Vocação de Maria no meio de seu povo	166/472
TEIXEIRA, Pe. Décio Batista, SDB — Saudação de Abertura à XIII AGO da CRB	168/584
TEIXEIRA, Ir. Eugênia, OSB. MOURA, Ir. Maria Âgueda Maciel de, OSB. RODRIGUES, Ir. Eunice, OSB — O Primado do Absoluto de Deus em São Bento	163/261
TONIN, Fr. Neylor J., OFM — A inutilidade da Violência e a Violência evangélica	160/67
WILDERINK, Dom Vital, O Carm. — A vocação de especial consagração na Igreja. Desafios e Perspectivas	167/534

O TRABALHO, CARACTERÍSTICA DO RELIGIOSO?

Na revista Convergência, n.º 167, novembro de 1983, página 571, indiquei, singelamente, seis traços do esboço de um SALESIANO DE DOM BOSCO. Se não leu ainda, leia agora. Nestas duas páginas, quero ressaltar um destes traços: o TRABALHO. Como Você sabe, os SALESIANOS estão no primeiro ano do segundo centenário de presença e ação na Igreja no Brasil.

Pe. Marcos de Lima, SDB

Redator-Responsável
Convergência e Publicações CRB

O trabalho não é uma categoria totalmente mundana para ser um traço característico do Religioso?

Creio que não é verdade. Ninguém pode ignorar a ambigüidade do trabalho em si. Mas lembre-se cada um de que a Palavra de Deus é a chave de leitura de toda atividade humana. Ora, a Bíblia desvela **uma nobreza sagrada no trabalho**. O capítulo primeiro do Livro do Gênesis traz aquela revelação antropomórfica e poética de Deus feito oleiro, arquiteto e cultivador. Deus que cria do nada, modela o barro, inspira a vida, conserva, governa e salva a obra de suas mãos. Javé não vive ociosamente. Ele trabalha criando e confia, também, ao homem a corresponsabilidade na criação. E o homem, livre e inteligente, sente-se continuador desta obra divina não de todo acabada. É o trabalho humano na perspectiva divina. À luz da Palavra de Deus, o trabalho aparece sempre como uma forma de gerar **vida nova** e construir **terra nova**, lugar de justiça, de paz e, portanto, de fraternidade, a realidade nos planos de Deus.

Isto quer dizer, em outras palavras, que...

Não obstante a ambivalência do trabalho, ele manifesta sempre mais explicitamente o **amor de um Deus que trabalha**, isto é, cria, e quer ver o homem trabalhar, isto é, criar com Ele, pois a ele, o homem, Deus confiou o domínio do universo. "Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra e sujeitai-a", Gên 1, 28 e 9, 1. É uma declaração constitutiva que atribui ao homem a capacidade de descobrir e de reproduzir as leis que ordenam,

tecnicamente, os poderes cósmicos, por Deus ali guardados. O trabalho não é uma categoria mundana. A técnica não é corruptora da natureza nem instrumento maléfico. É, pelo contrário, o ABC do roteiro do homem em marcha para a libertação, pelo seu trabalho, pelas suas próprias mãos. Dominar o universo pelo trabalho é enobrecedor.

Então, o trabalho é tudo na vida do homem?

Não. Se, por um lado, o trabalho se constitui em realidade fundamental e inestimável, nos desígnios de Deus, para o homem encontrar uma face real de sua verdadeira personalidade, por outro, pode, também, entorpecer sua vontade e limitar seu horizonte na imanência. O trabalho não é tudo nem para o homem, nem para o Religioso, nem para o **Saleciano de Dom Bosco**. Creio até que, sendo apenas uma mediação, a marca registrada do trabalho é a sua mesma insuficiência intrínseca, a exigir DEUS como seu princípio e seu fim.

Deus princípio e fim do trabalho?

Sim. Exatamente. "Deus acabou no sétimo dia a obra que tinha feito. E DESCANSOU no sétimo dia de toda obra que tinha feito". É o texto literal de Gênesis 2, 1. "Trabalharás seis dias para realizar a tua obra, mas o sétimo reservarás para Javé, teu Deus". É o texto, *ipsis litteris*, do Êxodo 20, 9-11. O **Dia do Repouso** é o dia da oferenda, do louvor, da contemplação, do **esquecimento temporário do trabalho** como reconhecimento da **dependência do homem de seu Criador** e da **transcendência de seu próprio destino**. É fundamental na vida do homem esta alternância, esta dialética: trabalho-reposo. É o ritmo do próprio Deus. E o homem foi plasmado à imagem de Deus. "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança... Domine ele toda a terra e o que a terra contém", Gên 1, 26. O trabalho é parte integrante da realização da Aliança do Senhor. É a própria garantia de efetivação das promessas de Javé. Deus, que é Todo-Poderoso, tudo pode fazer melhor sem nós do que conosco. Mas, em nós, NADA faz sem nós.

O trabalho é oração?

Com a coragem cega dos puros, minha resposta é afirmativa. Exponho com clareza esta idéia e a defendo com convicção. Toda atividade humana, sob a condução de Deus, é oferenda sacrificial (Heb 13, 16) e desempenha uma função litúrgica. São Paulo ensina: "Quer comais, quer bebais, quer façais **qualquer** outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus", 1 Cor 10, 31. Somos um povo sacerdotal em tudo o que fazemos. Nosso trabalho também é sacrificial. É oração. O Pão e o Vinho são dons de Deus e **frutos do trabalho** do homem. São, também, o Corpo e o Sangue do Senhor, alimento da fé e da caridade. Como vê, é íntima a conexão entre o

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de dezembro de 1983

Em toda e qualquer circunstância, **SEMPRE**, o vetor de identificação nossa de Religiosos que caracteriza e, fatalmente, abona a nossa vida é a **FÉ EM DEUS**. É verdade, no confronto com a realidade, às vezes, nos assola um sentimento de perplexidade com variações de inquietude e com ares de abalo até às raízes. Verdade singela e contundente em nossas vidas. Mas, seja no pico da euforia, ou em profundos vales de sofrimento, ou na planície de quase todos os dias, visível ou subentendida, a **PRESENÇA** que a tudo ilumina e sustenta continua sendo Deus. Só esta presença e sua ação subliminar dignificam a vida, em que pese a vigência de todas as vicissitudes. Só Deus comunica dimensões divinas à sôfrega ânsia do coração humano e remove, sistematicamente, as comportas do imobilismo, da indiferença e do pessimismo.

Estamos terminando o ano de 1983. Consciente como vive, Você assimilou, em todos os dias, esta experiência: sentir-se uma pessoa amada por Deus e invadida pelo seu mistério. Por isso, quando fizer o seu balanço, este atento e confiante olhar retrospectivo, à luz de Deus, encontrará, com certeza, um saldo altamente positivo. Ninguém, jamais, por razão alguma, se decepciona de apoiar-se em Deus. A fé nEle e a certeza dEle em nós propiciam atos de profunda renovação espiritual, evidenciando-se o imperativo de uma fidelidade sempre mais exata e definida a esta nossa opção de vida. Fim do ano,

- Tempo de RECONHECER E LOUVAR.
- Tempo de AGRADECER E ADORAR.
- Tempo de CONFIAR E SUPLICAR.

Proclamemos a glória do Senhor em todas as Nações.

Estamos nos aproximando do NATAL DE JESUS. "Quando chegou a plenitude do tempo, enviou Deus seu Filho, nascido de mulher...", Gál 4, 4. Deus quis mudar a nossa vida, a minha e a de Você, nascendo no meio de nós. Em CRISTO, o amor de Deus tomou o ritmo do coração do homem. Recebei, Senhor Jesus, neste seu NATAL e sempre, o **TRABALHO de nossas mãos e a OFERTA de nosso SER**. Tudo entregamos para a aproximação dos homens, a construção da paz e uma pessoal e fêrvida acolhida de **DEUS QUE VEM**.

Estamos para abrir o ANO NOVO de 1984. "Jesus é o Emanuel, o Deus conosco", Mt 1, 23. Ele esteja com Você todos os dias deste NOVO TEMPO que é esperado com alegria pela novidade sempre imprevisível e insuspeitável de **DEUS** entre nós, em seu Filho, JESUS CRISTO. São nossos votos: um ano de paz, de harmonia, de saúde, de amor. De marcha que avança **COM DEUS**. Nossas felicitações são extensivas a todos os seus.

BOAS FESTAS. FELIZ NATAL. VIDA PLENA EM 1984. ASSIM SEJA. AMÉM.
Desejando-lhe toda a paz e todo o bem, subscrevo-me,

atenciosamente



PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável
Convergência e Publicações CRB